

REVISTA BRASILEIRA DE

SEXUALIDADE HUMANA

VOL. 7 - ED. ESPECIAL 2 - 1996

ISSN 0103-6122 - CODEN RBSHE5



sbrash
↑
♀

Revista
Brasileira
de
Sexualidade
Humana

Volume 7 - Edição Especial 2 - Novembro de 1996
Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana - SBRASH

Sumário

Editorial	129
Trabalhos de Atualização e Opinativos	
1. Implantação da disciplina sexualidade e educação na Universidade Federal da Bahia	131
2. Disciplinas de sexualidade humana para os cursos de graduação em medicina e enfermagem da Universidade Gama Filho-RJ	
1. Projeto de implantação	135
3. O papel do profissional de saúde nas escolas	146
4. Educação sexual: relato de uma experiência	150
5. O adolescente e a contracepção: uma experiência de orientação sexual focal	161
6. Orientação sexual. E agora professor?	169
7. A sexualidade silenciada na escola: implicações da orientação sexual subjacente no cotidiano escolar	181
8. Liberdade sexual e seus limites	191
9. Percepção dos pais acerca da sexualidade dos filhos na adolescência	195
10. Castigo: um mito educativo	213
11. Instituições que prestam assistência aos adolescentes em Ribeirão Preto	225

Editorial

NÚMERO ESPECIAL, SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

Mesmo correndo o risco de não ser originais, não podemos deixar de constatar as dificuldades pelas quais o país passa, e que se refletem em qualquer empreendimento que planejemos. Assim, o segundo dos números extraordinários para 1996, que ora nosso leitor tem em suas mãos, sai com atraso de dois meses em relação ao previsto, e a duras penas.

O fato é que, apesar de ser sua temática (educação sexual) atraente sob qualquer ponto de vista, não conseguimos patrocínio de nenhuma instituição, pública ou privada. Ao contrário do primeiro dos números especiais, lançado em março último, desta vez fomos surpreendidos, pois não encontramos receptividade da parte de qualquer instituição.

O que possibilitou a edição deste exemplar foi o fato de que, graças a medidas de contenção e racionalização de despesas, conseguimos folga de caixa suficiente.

O presente exemplar, apesar das dificuldades, nos pareceu muito importante, pois apesar da necessidade quase unanimemente aceita de instituição de programas de educação sexual, o que vemos é muito discurso e pouca ação. Para a SOCIEDADE BRASILEIRA DE SEXUALIDADE HUMANA, versar sobre esse tema é, mais que uma obrigação, uma necessidade.

Esperamos que os temas aqui versados sejam de utilidade para nosso leitor.

Nelson Vitiello
Editor

Implantação da disciplina sexualidade e educação na Universidade Federal da Bahia

1

Tereza Cristina Pereira Carvalho Fagundes*

RESUMO

O presente artigo relata o processo de implantação da disciplina Sexualidade e Educação na Universidade Federal da Bahia. Faz referência aos pressupostos que nortearam a sua criação, objetivos, caracterização acadêmica, metodologia de ensino e de avaliação além de um breve comentário sobre os resultados dos primeiros semestre de seu funcionamento.

Sua divulgação pretende ser um estímulo à criação de outras disciplinas para cursos universitários que visam a formação do Educador ou outros profissionais que lidam com a formação integral do Homem.

INTRODUÇÃO

A sexualidade humana, nas últimas décadas, tem despertado o interesse de inúmeros pesquisadores em diversas áreas do conhecimento, não só

* Mestre em Educação/Prof. Adjunto IV-UFBA. Membro do Conselho da SBRASH.
Recebido em 03.06.96

Aprovado em 14.06.96

pela complexidade que a envolve como também por se configurar como uma questão que requer uma intervenção social, uma vez que pelos seus fins mais específicos a sua projeção se dá na sociedade e sobre ela produz seus efeitos.

Razões históricas transformaram a sexualidade em um tema desfigurado, pouco transparente e abordado sem a percepção de sua essência. A atuação do Programa de Educação Sexual, do Departamento de Biologia Geral do Instituto de Biologia da UFBA, traduzida pelo desenvolvimento de pesquisas, de atividade de extensão e publicações, mostrou a necessidade de se ampliar a compreensão da sexualidade, de aprofundar conceitos e revisar valores, através de cursos de formação de profissionais que lidem com a educação de crianças, de adolescentes e de adultos. Ademais, a constatação nos dias atuais de problemas relacionados diretamente à falta de educação sexual, tais como o crescente número de gestações não planejadas, a prática desenfreada de abortos por jovens e adultos, o aumento dos casos de AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis, reforçam a necessidade de repensar o ver, o sentir e o agir no que se refere à sexualidade, enquanto dimensão fundamental da integridade humana.

A criação e implantação de uma disciplina com as características desta que aqui apresentamos, buscou suprir as carências diagnosticadas bem como possibilitar a difusão de discussões sistemáticas sobre sexualidade, na UFBA, a exemplo de outras instituições de ensino superior brasileiras como as Federais do Paraná e do Rio de Janeiro (Andrade, 1986 e Serapião, 1991).

DESENVOLVIMENTO

a - OBJETIVOS

Sensibilizar os alunos dos cursos de licenciatura para a necessidade de se discutir a sexualidade como elemento constitutivo da pessoa humana.

Contribuir para a formação de profissionais capazes de analisar questões relativas à sexualidade de crianças, de adolescentes e de adultos, e de intervir no processo de sua educação sexual.

b - CARACTERIZAÇÃO ACADÊMICA

Nome da disciplina: SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO

Natureza: Complementar Optativa - Código: BIO 162

Creditação: 2.1.0 - Carga Horária: 30h Teóricas e 30h Práticas

Cursos a que se destine: Licenciatura em Ciências Biológicas, pedagogia, Educação Física, Psicologia e outras.

c - EMENTA

Estudo da sexualidade humana em seus aspectos bio-psico-sociais e suas manifestações em diferentes fases da vida. Informação, orientação e educação em sexualidade para crianças, adolescentes e adultos.

d - PROGRAMA

Sexo - sexualidade - educação sexual:

- fundamentos bio-psico-sociais

Bases anatomo-fisiológicas da sexualidade humana

- determinação e diferenciação do sexo

- a resposta sexual humana. Disfunções, desvios e inadequações

Identidade, papéis e orientação sexual. Comportamentos sexuais.

Estereótipos, mitos e credulidades sexuais.

A sexualidade nas diferentes fases da vida: infância, adolescência, idade adulta a terceira idade.

A sexualidade em desarmonia: deficiências a sexualidade, drogas e sexo, violência sexual, gravidez não planejada, doenças sexualmente transmissíveis e AIDS.

Educação Sexual: formal e informal/prós e contras

- estratégias de ação nas escolas e em projetos alternativos de educação.

e - METODOLOGIA

O desenvolvimento do curso dá-se através de atividades teóricas e práticas que propiciam embasamento cognitivo, reflexão crítica, auto-conhecimento, respeito ao outro, responsabilidade e comprometimento, condições estas imprescindíveis ao trabalho do educador.

As atividades teóricas compreendem a discussão dos temas propostos no programa da disciplina sob forma de exposições participadas, palestras e mesas redondas.

As atividades práticas correspondem à realização de seminários, e elaboração de um artigo ou resumo a partir de bibliografia e uma produção criativa, visando o aprofundamento de questões relativas aos propostos.

f - AVALIAÇÃO

No decorrer do curso o processo de avaliação é contínuo e desenvolvido de forma participativa, por todos os seus integrantes. Realize-se

através de provas escritas, da análise do desempenho durante os seminários, da elaboração de um artigo ou resumo e da produção criativa. Para cada forma de avaliação é atribuída uma nota (valor de 0 a 10), conforme os critérios do sistema vigente na UFBA.

g - BIBLIOGRAFIA (para a disciplina)

Indicada no livro

FAGUNDES, T.C.P.C. *Educação Sexual - Construindo uma nova realidade*. Salvador, 1995, 100 p.

RESULTADOS

A implantação da disciplina BIO 162 - SEXUALIDADE E EDUCAÇÃO no segundo semestre de 1994, na Universidade Federal da Bahia, veio atender a uma diretriz institucional de ampliação do leque de disciplinas optativas para o alunado de graduação ao tempo em que buscou preencher uma lacuna no conhecimento e formação dos profissionais de educação de nosso tempo.

O êxito da experiência aliado à demanda de matrícula, subsidiou o oferecimento da disciplina imediatamente no semestre subsequente à sua implantação e à manutenção.

Os artigos e as produções criativas dos alunos - histórias em quadros, dinâmicas, poesias, músicas, dramatizações e painéis, dentre outros, foram de tão boa qualidade que estão sendo organizados para publicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ANDRADE, R. P. Ensino de Sexologia em Escolas Médicas. In: VITIELLO, N. Sexologia II. Cap. V. São Paulo, Roca, 1986. p. 207-216.
2. FAGUNDES, T. C. P. C. Educação Sexual na escola - Relato de uma experiência de intervenção através da orientação do professor. SEXUS, 1(3): L6-20. 1989.
3. GARCIA, J. I. La formación de profesionales de la educación en Sexualidad Humana: una urgent necesidad. SEXUS, 3(1): 7-12. 1991.
4. SERAPIÃO, J. J. Implantação de uma disciplina de Sexualidade Humana na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro - Projeto Piloto. SEXUS, 3(3): 4-6. 1991.

Disciplinas de sexualidade humana para os
cursos de graduação em medicina e
enfermagem da Universidade Gama Filho RJ.
1. Projeto de implantação

2

Jorge José Serapião*

Maria do Carmo de Andrade Silva**

RESUMO

Os as descrevem um projeto que faz parte do programa de pesquisas em educação ao nível de terceiro grau desenvolvido no Curso de Mestrado em Sexologia da UGF-RJ. Tal projeto visa a implantação, coordenação e avaliação dos resultados de disciplinas de Sexualidade Humana oferecidas eletiva e separadamente a alunos dos Cursos de Graduação em Enfermagem e em Medicina do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Gama Filho no Rio de Janeiro.

A educação sexual é, sem dúvida, questão prioritária a ser pesquisada em todos os níveis do processo ensino-aprendizagem. Especificamente,

* Médico e psicólogo. Professor do mestrado em Sexologia na Universidade Gama Filho.

**Coordenadora do Mestrado em Sexologia na Universidade Gama Filho.

Recebido em 06.04.96

Aprovado em 20.04.96

a nível de terceiro grau, se justifica a elaboração de projetos de educação sexual mais ambiciosos com visitas a atender uma multiplicidade de demandas dentre as quais se destacam:

1. Algumas das atividades profissionais de nível superior na área da saúde, especificamente os cursos de medicina e de enfermagem, exigem um maior grau de informação e uma boa capacidade para lidar com as questões de sexualidade. Tais exigências se prendem ao fato de que, dentre os profissionais de saúde, são eles os mais frequentemente solicitados a opinarem sobre tais questões.

2. Os profissionais de saúde dessas áreas são, tradicionalmente, agentes multiplicadores dessas informações e, portanto educadores sexuais em potencial.

Por outro lado a criação de disciplinas que atendem a esses objetivos representaria também, um importante campo de pesquisa e treinamento para pós graduados em Sexologia na própria Instituição de Ensino Superior onde se desenvolvem essas observações e que se caracteriza pela liderança nacional na implantação de um Mestrado em Sexologia, após alguns anos de bem sucedida experiência em pós graduação “*lato sensu*” em Sexualidade Humana.

Dentro do mestrado o referido campo de pesquisa tem por finalidade avaliar a oportunidade e a validade da implantação de novas disciplinas de Sexualidade Humana ao nível de 3º grau, o que representa um pioneirismo em termos de administração de ensino superior, administração pela qual ambos os autores se interessam e pesquisam sendo esse projeto uma continuidade de trabalho desenvolvido ao longo dos últimos anos. Assim, J. J. Serapião, em 1991, implantou a disciplina de Sexualidade Humana na Faculdade de Medicina da UFRJ ministrando-a até a presente data. Por sua vez, M. C. de Andrade Silva foi responsável até recentemente, pela disciplina de Sexualidade Humana para o Curso de Psicologia da Universidade Gama Filho que assumiu em 1982. Esse projeto dá, pois, continuidade a um trabalho de pesquisa, ampliado, hoje, pela multiprofissionalidade e interdisciplinaridade em que se pretende apoiar.

A Educação sexual não é um fato novo e, de um modo mais amplo, tem se manifestado desde os tempos mais remotos.

No final do século XIX e no início do século XX novas preocupações se acrescentaram ao processo clássico de educação sexual definindo-lhe um estilo pragmático de abordagem: as questões ligadas a fertilidade e reprodução, as medidas para o controle da natali-

dade e as campanhas de prevenção de doenças sexualmente transmissíveis.

Nos Estados Unidos da América, em 1892, a Associação Nacional de Educação fez sua primeira referência à necessidade de se introduzir educação sexual nas escolas (Silva, M. C. A. 1995).

A partir daí, registra-se em diversas partes do mundo, tentativas de regulamentar o ensino de educação sexual.

No Brasil somente nas recentes décadas de 70 e 80 a educação sexual ganha espaço formal na Escola de primeiro e segundo graus.

A nível de terceiro grau e especificamente na área de saúde a Royal Commission on Medical Education (Pesquisa de Todd, 1965-1968) identificou deficiência na educação sexual dos médicos britânicos, recomendando o ensino de aconselhamento psicosssexual nas escolas médicas. Semelhante recomendação é feita pelo General Medical Council que, seguindo ao Ato Médico de 1978, enfatiza a importância de um ensino nas relações humanas, tanto pessoais quanto de grupo e da interação entre o homem e o seu meio (Dennis & Elstein, 1980).

Nos Estados Unidos observou-se que em 1970, 106 das 114 escolas médicas fizeram um treinamento formal sobre sexualidade humana, em contraste com somente três escolas em 1960 (Lief & Karlen, 1976).

A literatura mostra uma tendência mundial para progressivamente ministrar-se mais ensinamento sobre sexualidade humana nas escolas médicas.

No Brasil ao final da década de 70, algumas Instituições de Ensino Superior colocaram temas de sexualidade humana distribuídos dentro dos conteúdos programáticos de diversas disciplinas que compõem o currículo médico, embora continuando a privilegiar sua vertente reprodutora em detrimento de seus aspectos interpessoais (Serapião, 1991).

Em relação a enfermagem no que pese não se ter notícia de nenhuma tentativa de ensino sistematizado de sexualidade nas faculdades a nível nacional, pode-se reconhecer que “na última década, a enfermagem no Brasil tem demonstrado uma preocupação crescente em repensar a sua prática, a luz de uma perspectiva histórico-social”. (Miranda, 1992)

A compreensão bio-psico-social da sexualidade humana surgiu após o desenvolvimento da sexologia como espaço interdisciplinar envolvendo conhecimentos de medicina, psicologia, etologia, antropologia e educação.

É importante observar que muitos profissionais de saúde que lidam diretamente com orientação a seus pacientes, nomeadamente os médicos e os enfermeiros, continuam desinformados em relação às questões de

sexualidade e suas disfunções, vivendo ainda sob o poder de preconceitos que permeiam a vida dos indivíduos em geral.

Torna-se cada vez mais urgente a necessidade de que os futuros profissionais de saúde capacitem-se para uma ação adequada nessa área incluindo orientação, atendimento ou encaminhamento para centros especializados.

Atendendo a tais objetivos e a partir de exposição de motivos apresentada pelo Mestrado em Sexologia, os colegiados da UGF autorizam a criação de duas disciplinas distintas (ANEXO 1 e 2) e oferecidas eletivamente para alunos dos cursos de graduação em medicina e enfermagem.

Os resultados desse trabalho iniciado a partir do segundo semestre de 1995 estão sendo objeto de avaliação e serão apresentados dentro de um projeto de pesquisa sobre Educação Sexual ao nível de 3º grau desenvolvidos pelo Mestrado em Sexologia da UGF.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAÚJO, M. L. M. *A sexualidade do Universitário*. Pesquisa entre estudante do Rio de Janeiro. (Tese de Mestrado) Rio de Janeiro. UGF. Depto de Psicologia. 1985.
2. ELSTEIN, M & DENNIS, K. J. *Educação Sexual no Currículo Médico*. Clínicas Obstétricas e Ginecológicas. Rio. Interamericana. 1980.
3. JAPIASSU, H. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro. Imago. 1976
4. MENEGOLLA, M. & SANT ANNA, I. M. *Por que Planejar? Como Planejar?* Petrópolis. Vozes. 1992.
5. MIRANDA, C. M. L. & SOBRAL, V. R. S. *Sexualidade e Enfermagem*. Rev. Bras. de Sex. Humana. 3(1): 27-34, 1992.
6. NOVAES, M. H. *Psicologia pedagógica: o real, o possível e necessário em educação*. Rio de Janeiro. Achiamé. 1982
7. RIBEIRO, D. *A Universidade Necessária*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1978.
8. SERAPIÃO, J. J. *Implantação de uma Disciplina de Sexualidade Humana na Faculdade de Medicina da UFRJ*. Sexus. 3(3), 4, 1991.
9. SERAPIÃO, J. J. *Ambulatório Multiprofissional de Sexualidade Humana no Hospital dos Servidores do Estado - RJ*. Abstracts os XI World Congress of Sexology. 1993.
10. SERAPIÃO, J. J. *Disciplina de Sexualidade Humana no Curso de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro*. Abstracts of XI World Congress of Sexology. 1993.

11. SERAPIÃO, J. J. *Política nacional de pós-graduação. Integração entre a pós-graduação e o ensino de graduação*. Anais do Simpósio Nacional de Pós-Graduação na Área Médica. Rio. 1984.
12. SERAPIÃO, J. J. *Programa de Orientação Pedagógica e Profissional (POP-PE), Faculdade de Medicina da UFRJ. 1. Projeto de Implantação*. Rev. Bras. Educ. Med. Rio de Janeiro, 8(3): 182-7, 1984.
13. SERAPIÃO, J. J. *Grupo de reflexão sobre sexualidade. Uma Experiência Institucional Piloto*. Femina. 16(6): 516-23, 1988.
14. SERAPIÃO, J. J. *III Seminário sobre Sexualidade Humana - Um Projeto para educação sexual para universitários da UFRJ*. Femina. (Revista da Febrasgo) 16(12): 1080-4, 1988.
15. SILVA, A. C. *Mestrado em Sexologia: Um passo a mais no ideal da Interdisciplinaridade*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. 5(2): 125-137, 1994.
16. SILVA, M. C. A. *Atitude e Comportamento Sexual de Estudantes de Psicologia*. Femina (Revista da Febrasgo). 13(2) 153-8, 1985.
17. SILVA, M. C. A. *Educação Sexual. Sex Atualidades-Caderno de Divulgação do Mestrado em Sexologia da UGF*. 1(1), 20-25, 1995.
18. TURRA, C. M. G. & col. *Planejamento de Ensino e avaliação*. Porto Alegre. Editora Emma-PUC. RS, 1975.

ANEXO 1

PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DE DISCIPLINA DE SEXUALIDADE HUMANA PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENFERMAGEM DO CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE (CBS) DA UNIVERSIDADE GAMA FILHO - RJ

1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome da disciplina: SEXUALIDADE HUMANA PARA ENFERMAGEM

Carga Horário Semanal / Aluno: 2 hora.

Carga Horária Total / Aluno: 30 horas.

Número de créditos: 1 crédito.

Tipo de disciplina: Eletiva.

Horário de atividades: 4ª 5ª Feiras, de 11h às 12h e 40min.

Pré-Requisitos: Disciplinas obrigatórias aprovadas até o 6º Período.

Número de vagas: 20 vagas.

Seleção de candidatos: Coeficiente de rendimentos escolar acumulado.

2 - EMENTA

Bases anatomo-funcionais da Sexualidade Humana. Diferenciação, identidade, papéis e orientação sexual. Disfunções sexuais. Sexualidade e Sociedade. Sexualidade, saúde e doença. A Educação Sexual e o profissional de saúde.

3 - OBJETIVOS

Ao final da disciplina os alunos serão capazes de:

OBJETIVOS GERAIS

1. Reconhecer, diagnosticar, orientar e encaminhar clientes com demanda clínica ligada a função sexual em sua vertente de relações interpessoais.

2. Desenvolver a capacidade de atuar profissionalmente como agentes de educação para a área de sexualidade humana.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Descrever os mecanismos neuro-endócrinos e as bases anatomo-funcionais da sexualidade humana analisando como podem ser modificados por efeito de drogas e doenças;

2. Identificar as causas determinantes do desenvolvimento e as diferenças entre identidade, papel, orientação e atividade sexual;

3. *Reconhecer os ciclos da vida (infância, puberdade, menopausa, meia-idade e senilidade) e descrever as modificações sobre os impulsos e desempenhos sexuais deles decorrentes;*

4. *Examinar seus sentimentos e preconceitos sexuais, visando desenvolvimento de atitudes neutras quanto ao comportamento sexual, hábitos e desempenho de seus pacientes;*

5. *Desenvolver atitudes empáticas que possibilitem a colheita de anamnese, a discussão de problemas na área sexual bem como o exercício da prática da enfermagem sem constrangimento pessoais e de seus pacientes;*

6. *Desenvolver visão crítica das inter-relações sociedade X sexualidade humana;*

7. *Diagnosticar os casos mais simples de disfunção sexual conduzindo-os segundo técnicas desenvolvidas ao longo do curso.*

8. *Diagnosticar e encaminhar os casos mais complexos de disfunção sexual a centros e profissionais mais capacitados;*

9. *Participar de atividades multiprofissionais que lidam com as relações entre a sexualidade e as DST, notadamente AIDS, anticoncepção e drogas.*

4 - TEMÁTICA

Unidade I - *Sexo e Sociedade*. Estudo crítico da história da sexualidade. Bases antropológicas da sexualidade. Sexualidade e poder. Repressão sexual. Educação sexual. Ética e sexologia. Identidade e papéis sexuais. Homossexualismo e Heterossexualismo. Sexualidade e violência. Sexualidade e trabalho.

Unidade II - *Aspectos biológicos da sexualidade humana*. Bases anatomo-funcionais. Farmacologia da função sexual. Determinismo e diferenciação sexual. Sexologia comparada.

Unidade III - *Sexualidade saúde e doença*. Sexualidade infantil. Sexualidade na puberdade e adolescência. Sexualidade da terceira idade. Sexualidade e planejamento familiar. Gravidez e sexualidade. Disfunção sexual. Sexualidade e doenças. Sexualidade e drogas. Sexualidade e DST (AIDS). Sexualidade do deficiente.

Unidade IV - *Terapia Sexual*. Conceito de terapia sexual. Principais técnicas terapêuticas de abordagem das disfunções sexuais. Relação profissional-cliente. Multiprofissionalidade no atendimento das disfunções sexuais.

5 - METODOLOGIA

Atividade teóricas: Aulas expositivas, conferências e seminários.

Atividades práticas: Discussão, em grupos, de aspectos da sexualidade humana, presentes nas diversas formas de comunicação artística (TV, VT, cinema, teatro, etc.). Prática de pesquisa em sexualidade humana.

6 - AVALIAÇÃO

Os alunos serão submetidos a duas provas discursivas. A primeira ao longo e a segunda ao final da disciplina onde discorrerão, em grupos ou individualmente, sobre alguns dos temas abordados com vistas a demonstrar sua capacidade crítica e conceitos adquiridos.

7 - BIBLIOGRAFIA

ANNON, J. S. *Tratamento comportamental dos problemas sexuais*. Manole. São Paulo. 1980.

KAPLAN, H. S. *A nova terapia do sexo*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1977.

KOLODNY, R. C., MASTER, W. & JOHNSON, V. *Tratado de medicina sexual*. Salvat. Rio de Janeiro. 1980.

MONEY, J. & TUCKE, P. *Os papéis sexuais*. Brasiliense. 1981.

TUNNAHILL, R. *O sexo na história*. F. Alves. Rio de Janeiro. 1980.

ANEXO 2

PROJETO DE IMPLANTAÇÃO DE DISCIPLINA DE SEXUALIDADE HUMANA PARA O CURSO DE GRADUAÇÃO EM MEDICINA DO CENTRO CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE (CBS) DA UNIVERSIDADE GAMA FILHO - RJ

1 - IDENTIFICAÇÃO

Nome da Disciplina: SEXUALIDADE HUMANA PARA MEDICINA

Carga Horária Semanal / Aluno: 2 hora.

Carga Horária Total / Aluno: 30 horas.

Número de Créditos: 2 crédito.

Tipo de disciplina: Eletiva.

Horário de atividades: 2^{as} Feiras, de 7h 30min. às 9h 10 min.

Pré-Requisitos: Aprovação nas disciplinas obrigatórias até o 2º

Período.

Número de vagas: 20 vagas.

Seleção de candidatos: Coeficiente de rendimento escolar acumulado.

2 - EMENTA

Base anátomo-funcionais da Sexualidade Humana. Diferenciação, identidade, papéis e orientação sexual. Disfunções sexuais. Sexualidade e sociedade. Sexualidade, saúde e doença. A Educação Sexual e o profissional de saúde.

3 - OBJETIVOS

Ao final da disciplina os alunos serão capazes de:

OBJETIVOS GERAIS

1. *Reconhecer, diagnosticar, orientar e encaminhar clientes com demanda clínica ligada a função sexual em sua vertente de relações interpessoais.*

2. *Desenvolver a capacidade de atuar profissionalmente como agentes de educação para a área de sexualidade humana.*

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. *Descrever os mecanismo neuro-endócrinos e as bases anátomo-funcionais da sexualidade humanas analisando como podem ser modificados por efeitos de drogas e doenças;*

2. *Identificar os determinantes do desenvolvimento do(a) a as diferenças entre identidade, papel, orientação e atividade sexual;*
3. *Reconhecer os ciclos da vida (infância, puberdade, menopausa, meia-idade e senilidade) e descrever as modificações sobre os impulsos e desempenhos sexuais deles decorrentes;*
4. *Reconhecer as influências da reprodução, da anticoncepção, das doenças sexualmente transmissíveis, notadamente AIDS, na Resposta Sexual Humana;*
5. *Examinar sentimentos e preconceitos sexuais, visando o desenvolvimento de atitudes neutras quanto ao comportamento, desempenho e hábitos sexuais de seus pacientes;*
6. *Desenvolver atitudes empáticas que possibilitem a colheita de anamnese da função sexual, bem como a discussão de problemas na área sexual, sem constrangimento de seus pacientes;*
7. *Desenvolver visão crítica das inter-relações Sociedade X Sexualidade Humana;*
8. *Diagnosticar os casos mais simples de disfunção sexual conduzindo-os segundo técnicas desenvolvidas ao longo do curso;*
9. *Diagnosticar e encaminhar os casos mais complexos de disfunção sexual a centros e profissionais mais capacitados.*

4 - TEMÁTICA

Unidade 1- *Sexo e Sociedade*. Estudo crítico da história da sexualidade. Bases antropológicas da sexualidade. Sexualidade e poder. Repressão sexual. Educação sexual. Ética a sexologia. Identidade e papéis sexuais. Homossexualismo e Heterossexualismo. Sexualidade e violência. Sexualidade e trabalho.

Unidade II - Aspectos *biológico da sexualidade humana*. Base anátomo-funcionais. Farmacologia da função sexual. determinismo a diferenciação sexual. Sexologia comparada.

Unidade III - Sexualidade *saúde e doença*. Sexualidade infantil. Sexualidade na puberdade e adolescência. Sexualidade no adulto. Sexualidade da terceira idade. Sexualidade e Planejamento familiar. Gravidez e sexualidade e DST (AIDS). Sexualidade e doenças. Sexualidade e drogas. Sexualidade do deficiente.

Unidade IV - *Terapia Sexual*. Disfunção Sexual. Conceito de terapia sexual. Principais técnicas terapêuticas de abordagem das disfunções sexuais. Relação profissional-cliente. Multiprofissionalidade no atendimento das disfunções sexuais.

5 - METODOLOGIA

Atividades teóricas: Aulas expositivas, conferências e seminários. Atividades práticas: Discussão, em grupos, de aspectos da sexualidade humana, presentes nas diversas formas de comunicação artística (TV, VT, cinema, teatro, etc.). Prática de pesquisa em sexualidade humana.

6 - AVALIAÇÃO

Os alunos serão submetidos a duas provas discursivas. A primeira ao longo e a segunda ao final da disciplina onde discorrerão, em grupos ou individualmente, sobre alguns dos temas abordados com vistas a demonstrar sua capacidade crítica e conceitos adquiridos.

7 - BIBLIOGRAFIA

- ANNON, J. S. *Tratamento comportamental dos problemas sexuais*. Manole. S. Paulo. 1980.
- KAPLAN, H. S. *A nova terapia do sexo*. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 1977.
- KOLODNY, R. C., MASTER, W. & JOHNSON, V. *Tratado de medicina sexual*. Salvat. Rio de Janeiro. 1980.
- MONEY, J. & TUCKE, P. *Os papéis sexuais*. Brasiliense. 1981.
- TUNNAHILL, R. *O sexo na história*. F. Alves. Rio de Janeiro. 1980.

O papel do profissional de saúde nas escolas*

3

Zuleika Studart Sampaio
Ivany Queiroz de Moraes
Zenilda Vieira Bruno

A Maternidade Escola Assis Chateaubriand da Universidade Federal do Ceará (MEAC-UFC) vem desenvolvendo um trabalho com adolescente desde 1987, dando assistência obstétrica e ginecológica. Atendemos a uma média de 1500 pacientes novas por ano e realizamos parto em 1200.

Preocupados com a grande incidência de gravidez nesta faixa etária e as conseqüências que esta promove para a adolescente, sobretudo a evasão escolar que chega a 80% nas grávidas, segundo estatísticas do serviço nos últimos 3 anos, resolvemos fazer um trabalho preventivo nas escolas.

Na escola pública de 1º Grau Félix Azevedo por situada próximo à MEAC, realizamos 8 reuniões, com dinâmicas de grupo e palestras, envolvendo 50 alunos da 6ª série do 1º grau, na faixa etária de 13 a 17 anos.

* Serviço de Tocoginecologia Infanto-puberal e Adolescência da MEAC-UEC.
Recebido em 13.04.96

Aprovado em 27.04.96

Para avaliação de conhecimentos adquiridos escolhemos aleatoriamente 13 adolescentes que responderam a um questionário onde observamos os seguintes resultados por tema.

Masturbação: Na opinião de 11 (84,6%) dos 13 entrevistados a masturbação foi considerada como algo natural embora 38% achassem que os homens que se masturbam muito na adolescência teriam problemas na idade adulta.

Namoro: 70% esperavam que ele acontecesse quando o amor estivesse presente, e 30% acreditavam que o sexo precisava existir durante o namoro.

Métodos Contraceptivos: Apenas 30% não conheciam nenhum método contraceptivo.

Sexualidade e Gêneros: Alguns tabus foram abordados. Quando questionados a respeito da diferença da atividade sexual entre os sexos, 30% achavam que os homens sentem mais necessidades. Com relação ao início da vida sexual, 61% acreditavam que as mulheres sexualmente ativas tinham mais necessidades do que aquelas que nunca tiveram atividade sexual.

No nosso material, 46% dos entrevistados achavam que o tamanho do pênis é fundamental para a satisfação feminina. Este mito é bastante comum entre os brasileiros.

Alguns temas abordado são polêmicos, como a masturbação que é considerado normal por alguns e recriminada por outros. Alves e col. (1) faz referência a estudos de Freud em 1895, no qual este considerava que a masturbação causava neurastenia e tinha efeitos tóxicos, inclusive com alterações orgânicas permanentes em diferentes partes do corpo. Com o decorrer das discussões sobre o assunto, passou-se a admitir a prática masturbatória. Porém, permaneceu a restrição à mulher. Freud ressaltou o perigo da masturbação clitoriana, justificando que com esta prática a mulher não conseguiria obter orgasmos vaginais, mantendo-se infantil e imatura sexualmente.

Estes conceitos foram estudados e modificados por vários sexólogos quando a masturbação passou a ser tolerada e atualmente considerada normal.

Outro tema foi o namoro que tomou conotações diversas, com etapas evolutivas no desenvolvimento psicosssexual. A iniciação sexual, anteriormente proibida pela sociedade, criava outros mecanismos compensadores para o exercício da sexualidade, como o na época chamado “sarro”. Atualmente os jovens criaram o “ficar”, contrato informal que está implícito a não existência de um compromisso maior, que pode ir desde o

simples fazer companhia com ou sem troca de carícias, até mesmo desde o simples fazer companhia com ou sem troca de carícias, até mesmo o ato sexual, embora esta modalidade não seja o mais comum. (6)

O Planejamento Familiar na adolescência é bastante discutido pelos profissionais de saúde que trabalham com esta faixa etária. Estudos Já constataram que existe entre adolescentes o conhecimento dos métodos, entretanto parte destes adolescentes não fazem uso por razões múltiplas que direta ou indiretamente estão relacionadas com a problemática psicossocial que eles enfrentam.

As razões mais freqüentes são as dificuldade de acesso a serviços de planejamento familiar, custo do método, necessidade de uso clandestino, além dos bloqueios emocionais como: agressão aos pais, teste de fertilidade, sentimento de culpa e ainda o pensamento mágico - "Isto nunca vai acontecer comigo".(3)

Dificuldades como estas devem ser discutidas nas escolas pelos alunos, pais e professores no decorrer do ano letivo.

A verdadeira função da escola é preparar o indivíduo para a vida, em todos os aspectos. A Educação Sexual no país encontrou dificuldades na sua implantação. Apesar de ser reconhecida sua importancia e necessidade, ainda não existe número suficiente de profissionais preparados.

A população por nós estudada vive numa situação de desalento social e político, enfrentando problemas como a fome e a falta de motivação dentro da escola, onde os educadores são mal remunerados e não têm acesso a novas informações ou reciclagens.

Por estes motivos, observamos uma grande freqüência de desnutrição, evasão escolar e desinformação a respeito de seu próprio corpo e de sua sexualidade entre os adolescentes, que vivenciam, angustiados, muitas dúvidas mitos e tabus.

Acreditamos que a educação sexual facilita ao adolescente o entendimento do seu comportamento, melhoria da auto-estima, afeto e responsabilidade. A educação sexual deve propiciar ao adolescente bom mais que controle da natalidade ou negação da sua sexualidade. Esta deve ser colocada em um contexto mais amplo de relacionamento pessoal, social e político entre as pessoas na tentativa de permitir ao adolescente a garantia de uma atividade sexual enriquecedora, sadia e responsável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, D. C. et all. Masturbação em Estudantes Universitários: atitudes e referências. *Rev. Bras. Sex. Hum.* II:41, 1991.

2. ANDRADE, R. P., MELLO, C. R. *Temas de Sexualidade Humana*. Curitiba, Relisul, 1992
3. BRUNO, Z V. et all. Anticoncepção na Adolescência. *Femina*. 4:322, 1992.
4. BRUNO, Z. V., BRUNO, Z. V. Porque é tão difícil implantar educação sexual no Brasil. *Rev. Bras. Sex. Hum.* 5:56, 1994.
5. CAVALCANTI, R. C. et all. *Saúde sexual e reprodutiva: ensinando a ensinar*. Brasília, Artgraf, 1992.
6. VITIELLO, N. *Reprodução e sexualidade: um Manual para educadores*. São Paulo, CEICH, 1994.

Educação sexual: relato de uma experiência **4**

Nora-Ney Santos Barcelos (org.)*
André George Zaiad**
Claudine Santos**

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A educação sexual formal deve ter como objetivo (in) formar crianças e adolescentes para a prática de uma sexualidade saudável. Segundo VITIELLO & CONCEIÇÃO (1990), por ocasião da realização do Seminário Latino Americano sobre saúde do adolescente exarou-se para adolescência o seguinte conceito: “Fase peculiar de transição biopsicossocial, caracterizada pelas transformações biológicas e pela busca de definição de um papel social, determinado pelos padrões culturais do meio. Fase de mudança gradativa de atitudes e comportamentos.”

O indivíduo na fase da adolescência mostra mais curiosidade em conhecer o que está acontecendo com ele e com os demais adolescentes em relação às questões psicológicas, sociais e biológicas da sexualidade.

* Bióloga-Pedagoga. Docente na Universidade Federal de Uberlândia-UFU, MYHHHG - Depto. Biociências.

** Biólogos egressos da UFU.
Recebido em 10.04.96

Os questionamentos são os mais diversos e as freqüentes informações, pelos meios de comunicação, muitas vezes são vagas e contraditórias. Além disso, observa-se que muitos pais ainda deixam para a escola a responsabilidade de educar sexualmente seus filhos. Os educadores, em sua grande maioria, continuam tratando o assunto apenas nos aspectos biológicos ou, no máximo, convidam um palestrante médico para isso.

O EDUCADOR SEXUAL deve ser uma pessoa que tenha consciência e segurança para lidar com as angústias, as confusões, os medos e conflitos sexuais gerados por múltiplas pressões familiares e sociais. Deve ser flexível, sensível inspirar confiança e ser ágil para abrir espaço no qual o adolescente, ou a criança converse sobre várias coisas. Sobretudo, ser aquela pessoa que mostre neutralidade, evitando dizer o que está certo ou errado, pois cada família tem seus valores. Para CAVALCANTI (1993) valores “são uma espécie de farol que orientam nossa conduta, dependem muito dos nossos conhecimentos e das nossas crenças.”

Para MAIA (1993) quando a educação sexual tende para uma visão holística da situação, facilita para o adolescente o entendimento das razões de seu comportamento e a introjeção de noções de auto-estima, afeto e responsabilidade. “já foi comprovado que a informação, por si só, não muda a postura. Esta possui um componente cognitivo que depende daquele, mas que a transcende, é maior do que ela. Quando trabalhamos o conhecimento e a informação objetivamos a mudança tanto do cognitivo quanto na postura (conativo). A informação isolada tende a ser genérica e impessoal e por isso não encontra ressonância dentro da pessoa. Quando usamos uma vivência individual para passar a informação, nós a tornamos pessoal e individualizada, e aumentamos a possibilidade de que ela seja ouvida e integrada.”

MÉTODO

Este desafio educativo na esfera sexual requer, portanto, educadores com formação em sexualidade humana e conhecimento de uma metodologia de ensino específica, para atuarem nas escolas de ensino fundamental e médio. Nesse sentido uma equipe composta por diversos profissionais (biólogo - pedagogo, psicólogo e médico) além de acadêmicos, implementou, em 1994, um **Programa de capacitação e supervisão de educadores em sexualidade humana**, na Universidade Federal de Uberlândia-UFU, sob coordenação da Professora da Disciplina Prática de Ensino de Biologia, a primeira autora deste texto.

O referido programa resultou de seis anos de experiência nessa área, com alunos-adolescentes, mais especificamente, com idade entre 12 e 14 anos. Sua forma foi a de projeto de extensão da UFU em escolas públicas, municipais e particulares, sendo um trabalho de caráter informativo e formativo.

O objetivo desse programa é sensibilizar, preparar e supervisionar profissionais do ensino e acadêmicos da UFU para EDUCAR sexualmente. Partindo do pressuposto que educação compreende modificações de atitudes, que Brown citado por CAVALCANTI (1992) define como a disposição que um indivíduo tem para agir de forma favorável ou desfavorável em relação a um determinado objeto. Aquilo que o indivíduo pensa depende muito de sua vivência e da aprendizagem do meio social. Segundo CAVALCANTI (1993), “educar é um crescer de dentro para fora, fruto de um processo reflexivo. Quem ensina tem a tendência de se preocupar simplesmente com o conhecimento, mas quem educa prepara o indivíduo para a vida, despertando nele todo o seu potencial de humanização.”

Vale ressaltar que algumas atividades desse programa de capacitação foram adaptadas de vivência apresentadas no III Encontro Nacional de adolescentes, promovido pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas-SP, em 1993. O I módulo do Programa de capacitação iniciou-se com 17 participantes, entre educadores em geral e acadêmicos dos cursos de Ciências Biológicas e Psicologia-UFU. Destes, apenas 10 ficaram até o final desse módulo. O II módulo contou com 14 participantes efetivos e o III e último módulo contou com 8 participantes, os quais já desenvolvem projetos de educação sexual nas escolas. Essas pessoas além de participarem quinzenalmente do curso de capacitação, têm um horário quinzenal de supervisão, para discutirem as suas experiências profissionais, produzirem material didático e terem acesso à discutirem as suas experiências, produzirem material didático e terem acesso à literatura específica.

Ao lado do programa de capacitação trabalha-se com uma proposta de metodologia em educação sexual, numa perspectiva de que seus participantes, ao utilizarem-na, façam a devida adequação à sua realidade. Recomenda-se que o educador desenvolva essa proposta, na escola, de forma progressiva, respeitando a individualidade do adolescente e com a participação, mesmo que indireta, dos pais.

Para isso, o programa de Educação Sexual na escola deve contar com um tempo médio de pelo menos quatro meses, utilizando-se dois dias por mês. Em cada dia deve-se realizar, no mínimo, três horas-atividades,

idealmente com música ambiente, em sala de aula. Os educadores de uma mesma escola devem reunir-se periodicamente, para discutirem os resultados do encontro anterior e se prepararem para o próximo.

Para garantir a implantação e a continuidade da Educação Sexual na escola, bem como maior êxito na sua execução, recomenda-se que cada escola tenha um coordenador para o programa e que a equipe seja composta por profissionais, se possível, de diferentes áreas do conhecimento. Isso enriquece o trabalho, tendo em vista a abrangência e complexidade do assunto. Além dos educadores da escola, é importante que a equipe possa contar com acompanhamento de médicos e psicólogos que conheçam de sexualidade humana, e de um supervisor em educação sexual. Outro aspecto de extrema importância é que esses educadores discutam com os demais educadores da escola a filosofia e os objetivos do programa, para evitar divergências na linha de orientação dos alunos. A seguir apresentamos um roteiro desta programa que tem como finalidade servir de norteador para o educador sexual.

Primeiro e segundo encontros:

Objetivos: Apresentar os princípios norteadores do programa. Permitir aos adolescentes se conhecerem melhor e se descontraírem para falar de seus valores, expectativas e ansiedades. Verificar o nível de influência que a sociedade e os meios de comunicação exercem sobre o comportamento humano.

Apresentação

Em círculo e sentados, os participantes, um a um e num sentido pré determinado, devem dizer o primeiro nome, cabendo ao colega imediatamente posterior escrever o nome no crachá e colocá-lo em sua camisa, preso com fita crepe. Posteriormente, cada um diz como as pessoas com quem mais convive costuma chamá-la(o). Em seguida o participante que desejar fazer algum comentário do tipo: “quem é que o chama assim?”, deve assim fazê-lo. É hora também de cada um colocar suas expectativas com relação ao programa que está iniciando, propondo sugestões.

Acróstico

O orientador sexual após escrever a palavra ADOLESCÊNCIA no quadro de giz no sentido vertical, solicita dos participantes que pensem em palavras ligadas com sexualidade e que se relacionam com as letras que formam a palavra adolescência. Em seguida eles devem dizer as palavras,

iniciando por aqueles que comecem com letra A. Colocar em discussão cada palavra que compõe o acróstico, deixando os participantes exporem suas idéias.

Palavras e frases

Cada participante escreve, de forma legível no seu crachá, uma palavra relacionada com sexualidade. Essa palavra deve iniciar com a letra do seu nome. Posteriormente, os participantes organizados em grupos formam uma frase a partir dessas palavras. A frase deve ser lida por todos os componentes, de maneira que cada um leia a parte que se relaciona com sua palavra. No final o grupo que quiser fazer algum comentário poderá fazê-lo. No caso de nomes que iniciam pelas letras K, W e Y pode-se usar as letras C, V e I, respectivamente.

Concorda ou discorda

De um lado da sala o orientador coloca a palavra “concorda” e do outro a palavra “discorda”. Os Participantes devem se dirigir para o centro da sala. Quando o orientador pronunciar uma frase, eles devem caminhar rumo a palavra “concorda” ou “discorda”. Logo em seguida, sem fazer nenhum tipo de comentário, devem retomar o centro da sala para dar continuidade à atividade.

As frases devem ser tipo: “numa gravidez indesejada deve-se praticar o aborto”; “A homossexualidade é uma opção de vida”; “Ficar é transar”; “Na primeira relação sexual não se engravida”; “A masturbação é prejudicial à saúde”; “Prevenir da gravidez é responsabilidade da mulher”; “O uso da camisinha diminui o prazer sexual”; “A virgindade é importante para o casamento”; “A mulher pode se transar menstruada”; “Ciúme é sinal de amor”; “O aidético transa”, etc.

Recomenda-se que o educador procure intercalar entre suas frases, outras elaboradas pelos alunos. Posteriormente à colocação de todas as frases, os alunos devem organizar-se em círculo para discuti-las. Iniciando pela análise do comportamento dos alunos no momento em que tiverem que tomar uma decisão em publico, sem identificar os participantes. Deve-se ter o cuidado de evitar receitas, estabelecer comparações desnecessárias e tratamento preconceituoso, usando em determinadas situações palavras como maioria, minoria e indecisão. Para concluir, o educador poderá usar debates e textos para esclarecer os assuntos abordados durante a atividade.

Como atividade extra sala de aula, pedir aos participantes que escrevam individualmente textos, poesias, ou músicas sobre quatro temas,

tais como amizade, namoro, sexo, gravidez, violência, liberdade, respeito, amor, aborto, sexualidade, adolescência, estupro, família e escola. Este material deve ser entregue no segundo encontro para análise e exposição na escola.

Terceiro e quarto encontros

Objetivos: Promover interação pessoal dos participantes a descontração dos mesmos, além de levantar dúvidas e concepções dos participantes.

Aquecimento

Pedir para cada participante se aproximar do colega ao lado, formando dupla. Cada elemento da dupla pensa numa parte do corpo que o liga e em outra parte que o desliga, sem contar qual é essa parte para o colega. De frente um para o outro, enquanto “A” fica de pé e parado, “B” vai tocando seu corpo, começando pela cabeça em direção aos pés, até tocar na parte em que “A” definiu. Quando isso acontecer “A” começa a pular e só deve para quando “B” tocar a parte, anteriormente definida, como sendo a que o desliga. A brincadeira continua, com “A” descobrindo as parte do corpo que “B” definiu. A experiência tem mostrado que a brincadeira proposta a seguir (molho picante) permite melhor distribuição dos alunos, favorecendo o desenvolvimento deste aquecimento, quando executada antes desta.

Molho Picante

Os participantes são convidados a ficarem de pé e em círculo. Cada um deve representar um tempero, com sal, pimenta, vinagre ou azeite. O orientador pede para um dos participantes ir para o centro do círculo. Com isso ficando um lugar no círculo. Se ele disser “sal”, todos os colegas que representam este tempero têm que trocar de lugar entre eles. Se ele disser “molho picante”, todos os participantes devem trocar de lugar entre si. Em qualquer uma destas situações, sempre vai ficar um participante no centro, que ficou sem lugar, cabendo aos outros participantes, se quiserem, atribuir a ele uma pena educativa.

O repórter e a pesquisa

Os participantes devem se sentar em duplas e elaborarem uma pergunta sobre sexualidade que possa ser respondida com poucas palavras. Em seguida, os participantes de cada dupla devem se sentar, um de

frente para o outro, formando um círculo interno e outro externo. Os membros do círculo interno ficam com a folha de papel que contém a pergunta e com lápis, para registrar as resposta dos colegas do círculo externo, que se movimentam no sentido pré determinado, enquanto os membros do círculo interno são fixos. Assim que todas as perguntas forem respondidas pelos membros do círculo externo, pode-se propor inversão de lugar entre eles, ou seja, os repórteres passam a fazer parte do círculo externo e os entrevistados, membros do círculo interno. Em seguida, as duplas se separam novamente para organizarem os dados e se prepararem para apresentação e discussão dos resultados, em círculo, com auxílio do orientador.

Como sugestão, um grupo de alunos poderá entrevistar colegas da escola, para fins de ampliação dos dados da pesquisa e em seguida colocar os resultados no mural da escola.

Eu, diante dos referenciais externos

Pedir que um dos participantes, voluntariamente, faça um desenho no quadro de giz. O educador deve então apagar parte do desenho e, simbolicamente “colocá-la” na mão do participante. Em seguida, tapa-se os seus olhos com uma venda. Após ter circulado com o participante ele é posicionado no fundo da sala, de onde deve caminhar até o quadro para “completar” a figura. A partir daí, os demais participantes podem auxiliá-lo no cumprimento do seu objetivo, cabendo ao mesmo julgar as instruções, aceitando-as ou não. Assim que terminar a brincadeira, os participantes, agora dispostos em círculo, devem responder os questionamentos que seguem, iniciando-se com o participante voluntário e em seguida os demais. - O que você sentiu ou observou durante a atividade? - Que importância tem para você os referenciais externo? - É possível viver sem eles? - Eles o impedem de ser você mesmo? - Que relação você faz entre o que foi vivenciado aqui e o que acontece na vida? - Como lidar com os referenciais externos?

Quinto e sexto encontros

Objetivo: Propiciar aos participantes condições para manifestarem, criatividade, seus próprios valores, idéias, conhecer-se mais e também aos outros.

Aquecimento - Percepção do corpo-ritmo e movimento

O orientador deverá conduzir o grupo através dos seguintes movimentos: “Vamos nos soltar. O corpo todo. Ombros, nuca, pernas... Vamos criar obstáculos... pedras grandes, poças de água, ladeira... Estamos pisando em terra quente, quase pegando fogo. Aos poucos vai esfriando... e se transformando em gelo. Agora está voltando ao normal a temperatura e aí vamos voltar a caminhar no ritmo normal de cada um, prestando atenção e observando seu corpo agora. Cada um deve escolher um local na sala e respirar profundamente, contar até dez, segurando a respiração e soltar o ar (três vezes)”. Propor uma avaliação sobre o que sentiram e percebendo durante a caminhada. Discutir um pouco sobre o que existe dentro do seu corpo a como é ele por fora.

Eu, diante de mim e do outro. Vendo-me através do outro

O educador solicita que os participante formem duplas, sentem no chão, um de frente para o outro e façam a máscara do parceiro. Enquanto isso devem conversar sobre o que fazem no dia-a-dia, se gostam, se não gostam e o que mais lhes agrada nos seus rostos. Esta atividade necessita de papel pardo e papel de seda em quatro cores, cola, lã, canetas hidrocor, pincéis, giz de cera de cores variadas e tesouras ou gases gessada. Assim que as máscaras ficarem prontas deve ser iniciada a apresentação. Um dos componentes da dupla fica sentado na cadeira enquanto o seu par colocar no próprio rosto a máscara que fez para ele, dizendo: “Eu sou... eu gosto de... não gosto de... sinto...”

Enquanto isso, o dono da máscara, que está sentado a ouvindo o que o seu colega fala sobre ele, vai expressando pela fisionomia se ele realmente concorda. Posteriormente, eles trocam de lugar e tudo se repete. Para concluir, eles se abraçam e entregam as máscara aos verdadeiros donos. Em círculo devem fazer a seguinte reflexão: “O que aprendi sobre mim mesmo e sobre o outro? O que senti quando o outro falou sobre mim?”.

Tô ligado na comunicação

Os participantes, em dupla, devem conversar sobre as formas de comunicação da sexualidade no cotidiano. Os participantes organizam-se em seis grupos e cada grupo escolhe um sub-tema, sobre a comunicação da sexualidade no namoro, na família, na escola, na igreja, na sociedade ou na televisão.

Apresentação de filmes em vídeo cassete sobre doenças sexualmente transmissíveis, reprodução humana e métodos contraceptivos.

Atividade extra classe. (Orientação)

Formar cinco grupos de trabalho sendo que cada um deverá ficar responsável pelo desenvolvimento dos temas listados a seguir.

“Estudo de caso”. escrever uma história conflitante, relacionando adolescência, família e sociedade. Definir bem os papéis dos personagens. Atribuir valores de zero a quatro aos personagens para retratar a opinião do grupo. No dia da apresentação formar um júri com os colegas da sala, para julgar o caso. “O que está acontecendo comigo?” Preparar uma poesia ou música sobre os aspectos bio-psico-sociais da sexualidade na adolescência.

“Meu corpo por dentro e por fora”. Modelar em argila o corpo todo, externamente, ou partes sexuais do corpo.

“Métodos contraceptivos”. Pesquisar, selecionar materiais ilustrativos e modelar órgãos sexuais e alguns métodos contraceptivos para demonstração destes.

“Teatro”. Escrever uma história relacionada a adolescência e prepará-la para uma dramatização.

Aquecimento - Pássaro voa

Formar-se um grupo de três pessoas, sendo que duas dão as mãos, enquanto a terceira fica entre as duas, como se fosse um pássaro dentro do ninho. Quando o orientador disser “pássaro voa”, as duas levantam os braços e o pássaro voa buscando um outro ninho. Aquele que ficar de fora paga uma prenda. Quando o orientador disser “ninho desmanchou”, os pares se separam e se forma novos ninhos com outros pássaros.

Sétimo encontro

Objetivo: Promover um evento na escola para que os participantes do programa de educação apresentem aos colegas e educadores os resultados dos trabalhos desenvolvidos por eles, em grupos; esclarecer as dúvidas ainda existentes, visando uma discussão mais geral e avaliar o programa.

Apresentação dos trabalhos pelos grupos, em sala ou no pátio da escola.

Apresentação dos palestrantes por psicólogos e médicos.

Avaliação

“O que aprendi?” Com os participantes em círculo e sentados no chão, um dos participantes, voluntário, recebe a ponta de uma linha de novelo e faz relato do projeto e do que aprendeu. Depois, cada um dos outros participantes vai fazendo o mesmo.

Encerramento

Para finalizar, em círculo, de pé e de mãos dadas, dois membros soltam suas mãos abrindo o círculo. O participante de uma das extremidades iniciando um movimento de zig-zag entre os outros, enquanto os demais acompanham, até que todos se aproximem e se abraçam e se despedem.

RESULTADOS

Os resultados decorrentes desse programa de capacitação e supervisão de educadores em sexualidade humana têm sido satisfatórios. Os educadores que continuam participando dele, hoje sentem-se mais preparados para tratar o tema sexualidade na adolescência, conseguem fazer com mais segurança uma leitura crítica do que se passa no âmbito da escola, família e sociedade. Na esfera sexual, insiste na adesão voluntária de colegas no programa, que está, a cada dia, sendo mais respeitado e valorizado pelos educadores das escolas de ensino fundamental, médio e superior.

Além disso, os referidos educadores dizem estar preocupados em zelar pela qualidade da Educação Sexual que está sendo desenvolvida nas escolas, de modo geral, e ainda reclamam da dificuldade em envolver os pais dos alunos e da falta de disponibilidade horário para o programa no ensino fundamental e médio, apesar do espaço já conquistado em muitas escolas.

Os alunos adolescentes participantes desse programa sempre aguardam ansiosos os próximos encontros. Ao final de um semestre, tempo médio de duração do programa na escola, percebemos durante as discussões sobre fatos ligados a sexualidade no cotidiano e aqueles, vinculados pelos diferentes meios de comunicação, que já houve uma expressiva mudança de comportamento dos alunos, principalmente com relação a auto estima, socialização e postura crítica. Frequentemente ouvimos expressões do tipo: “Nossa! Que aula diferente! Aprendemos brincando e brincamos enquanto aprendemos. Este programa foi muito útil e super legal. Não sabia como evitar a gravidez.”

CONCLUSÃO

Nossa expectativa com esse programa é que educadores e adolescentes continuem acreditando na importância de se viver bem a sexualidade com prazer, responsabilidade, respeito e sabedoria; pensando e praticando-a como expressão do corpo e da alegria interior. Entendemos que a educação seria muito mais eficaz e eficiente se fosse corretamente trabalhada, principalmente pela família no dia a dia.

Acreditamos que a Educação Sexual é necessária, importante e viável. Cabe a nós, educadores, transpor as barreiras, auxiliando e compartilhando com os pais essa tarefa educativa e alcançarmos as crianças e adolescentes, ajudando-os a superarem os conflitos peculiares da fase, preparando-os para uma vida adulta saudável e feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAVALCANTI, Ricardo da Cunha. Educação no Brasil e América Latina. In: R.B.S.H. São Paulo: Iglu, 1993, v. 4, n. 2, p. 164-173.
2. MAIA, Mônica Bara et al. A (in)formação sexual do adolescente: uma nova proposta. In: R.B.S.H. São Paulo: Iglu, 1993, v. 4, n. 1, p. 31-6.
3. VITIELLO & CONCEIÇÃO. O exercício da sexualidade na adolescência: aspectos bio-psico-sociais. In: R.B.S.H. São Paulo: Iglu, 1990, v. 1, n. 2, p. 15-28.

O adolescente e a contracepção: uma experiência de orientação sexual focal **5**

Maria Helena B. V Gherpelli*
Luiz Amadeu Bragante**
Maria Cristina C. Romualdo***

RESUMO

Este trabalho visa descrever experiência de Orientação Sexual com jovens entre 10 e 18 anos que freqüentam Escolas Públicas e Particulares da Cidade de São Paulo, através de um trabalho a curto prazo que chamamos de **Orientação Sexual Focal**. Esta atividade atua sobre relevantes da temática em questão, a partir dos interesses do grupo. Baseia-se em dois elementos educativos, a informação e a reflexão. São desenvolvidos 3 encontros por grupo, sob a atuação de dois profissionais de orientação sexual que utilizam estratégias pedagógicas da linha participativa. Este recurso possibilitou foco na temática dentro de uma abordagem que além de evidenciar a dimensão individual e biológica, desvelou como contexto sócio-cultural emergente e o processo psi-

* Enfermeira de saúde pública, Psicodramatista, Orientadora sexual e coordenadora da área de adolescência do Instituto Kaplan.

** Psicólogo, Psicodramatista, Supervisor da área de adolescência do Instituto Kaplan.

*** Psicóloga, terapeuta sexual da área de adolescência do Instituto Kaplan.

Recebido em 14.07.95

Aprovado em 10.08.95

cológico se articulam, definindo nesta circunstância em dinâmica sexual do adolescente, que dificulta ou impede a aquisição de hábitos de prevenção de gravidez.

I-INTRODUÇÃO

O exercício da sexualidade pode ser uma fonte de imenso prazer e de expressão de sentimentos profundos próprios do encontro amoroso. Porém, também pode ser uma fonte de graves transtornos na vida pessoal e social de um indivíduo. A desinformação, a repressão, o silêncio, o medo e outros sentimentos negativos parecem limitar as possibilidades de escolhas do adolescente frente a vida sexual e reprodutiva. Além disso, criar situações de difícil atuação para pais e profissionais que lidam com jovens.

A família, é em primeira instância, o elemento formador da criança e os pais, desde muito cedo, se encarregam da responsabilidade de educar sexualmente seus filhos, passando seus valores culturais e crenças, através do trato com a criança. Simultaneamente, as relações sociais favorecem trocas intensas de informações e de normas de condutas, formando um amplo conjunto de influências exercidas direta ou indiretamente sobre o indivíduo. A este processo entendemos como “educação sexual”(7).

A “orientação sexual” supõe a sistematização do conteúdo adquirido sobre a sexualidade através de informações e de experiências vividas. É uma atividade que se caracteriza como uma intervenção no processo educacional de caráter preventivo, intencional e sistemático, através de esclarecimentos, informações adicionais e reflexões de fatos ligados à sexualidade(2,8).

A orientação sexual é uma prática que vem sendo realizada há vários anos, com objetivos que variam de acordo com os acontecimentos e mudanças sociais e científicas que podem interferir no comportamento sexual das pessoas. Atualmente, seu enfoque está mais centrado na prevenção da AIDS e da gravidez na adolescência. Contudo, acreditamos que a sua justificativa deve-se à necessidade que os jovens de hoje têm, de um espaço para refletir e compreender as informações e estímulos sexuais aos quais são expostos. Portanto, a orientação sexual, segundo o nosso ponto de vista, deve priorizar o desenvolvimento do papel sexual através do treino do exercício deste, frente a circunstâncias de interrelação com os seus demais papéis e com as outras pessoas.

Este trabalho pode ser realizado à longo, médio e curto prazo. À longo prazo nos referimos ao trabalho desenvolvido em Escolas desde uma atuação no infantil até o colegial, com estratégias sistemáticas(2,3,9). À médio prazo, nos referimos a cursos compostos de um número determinado de encontros, de forma processual que são realizados esporadicamente(1,4). E à curto prazo aquele que conta com um ou mais encontros, porém não existe uma continuidade. Neste último, desenvolvemos uma abordagem a qual chamamos de **Orientação Sexual Focal**.

A orientação sexual focal é uma atividade de carácter preventivo, intencional e diretivo, calcado em dois elementos educativos, a informação e a reflexão sobre os focos de temáticas específicas da sexualidade. Esta modalidade de trabalho foi desenvolvida para atender de forma mais eficaz à demanda das escolas públicas na cidade de São Paulo que procuram o Instituto Kaplan. Geralmente a solicitação é de um pedido para a realização de palestra ou um trabalho de curta duração para adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária entre 10 e 18 anos. Tendo em vista que a palestra é um recurso pedagógico de efeito limitado para este tipo de trabalho a que sua realização poderia desencadear atitudes negativas das autoridades escolares (que poderiam julgá-las como suficiente), optamos por não administrá-las para os adolescentes. Em contrapartida, oferecemos um trabalho de atuação focal que permite, além de informar, trabalhar com os conflitos culturais que surgem no grupo.

A prevenção da gravidez na adolescência é um problema multifacetado, de difícil solução e que sofre influências de vários fatores biológicos, psico-emocionais e socio-culturais. Para tanto, se faz necessário o uso de uma metodologia que permita o reconhecimento da dinâmica que estes adolescentes estabelecem na relação com a gravidez na adolescência, para se fazer a intervenção necessária à prevenção.

II - REFERENCIAL METODOLÓGICO

A eficácia de um trabalho em orientação sexual está diretamente ligada ao fato de atingirmos adequadamente a realidade particular do contexto social dos indivíduo em questão. Para tanto é imprescindível que o orientador sexual utilize recursos metodológicos de interação e participação grupal e apreenda com os adolescentes a sua realidade para obter os elementos básicos do processo educativo(6).

A metodologia escolhida para a realização do nosso trabalho foi a linha psicodramática. Segundo Moreno, “psicodrama pode ser definido, como a ciência que explora a “verdade” através de métodos dramáticos. Trata de relações interpessoais e de mundos particulares”(5). Quando aplicado à educação, possibilita a integração grupal, do conhecimento, dos aspectos socializantes e de estilos de condutas que abrem novas perspectivas para o indivíduo agir e se relacionar com seu ambiente(10).

Embora, nem todos os orientadores sexuais de nossa equipe possum a formação em psicodrama, os trabalhos são desenvolvidos através de dinâmicas participativas seguindo os passos da **metodologia psicodramática**. Ou seja, cada encontro é iniciado com um **aquecimento** para o tema em questão, depois a dinâmica grupal (**momento da ação**), a produção de cada sub-grupo (**compartilhar**) e a avaliação do encontro.

III - O PROCEDIMENTO PARA A REALIZAÇÃO DA ORIENTAÇÃO FOCAL

a) Solicitação do trabalho:

A solicitação é realizada pela Instituição através de uma entrevista com a coordenadora da área de adolescência do Instituto Kaplan, que faz uma contra-proposta de um trabalho de Orientação Sexual Focal.

b) Planejamento dos encontros:

Cada grupo é formado por um mínimo de 10 e um máximo de 40 adolescentes, independentemente do sexo. Porém, sempre que possível são respeitadas as faixas etárias em função dos interesses e experiências que estas acarretam. No entanto, a divisão priorizada é aquela já existente nas escolas, por sala de aula.

c) Desenvolvimento dos encontros:

Geralmente são programado dois ou três encontros, realizados uma vez por semana, com duração de 1:30 hs. São desenvolvidos por uma dupla

de profissionais de Orientação Sexual do Instituto Kaplan, sem a presença dos professores ou qualquer outro profissional da escola.

1º encontro:

A formação do vínculo de confiança das necessidades do grupo diante da temática proposta, no caso gravidez na adolescência.

2º e 3º encontros:

Desenvolvimento dos sub-temas de interesse do grupo, fazendo uma ligação com o tema central.

IV - FATORES QUE DIFICULTAM A CONTRACEPÇÃO

O nosso trabalho sugere uma dinâmica do adolescente em relação a gravidez, muito parecida com as hipóteses levantadas por Kanter & Zelnick, 1985 e Polit & Kahn, 1986, de que a ocorrência de gravidez, nesta população de jovens, sofre a influência de fatores ligados a personalidade, idiossincrasias individuais, dificuldades de comunicação, serviços de contracepção inacessíveis ou não disponíveis, fatores socio-econômicos e aspirações educacionais(11).

Contudo, na nossa população destacaram-se as seguintes circunstâncias:

a) Informação deficitária:

Nos grupos carentes, como de alunos de escolas públicas ou instituições beneficentes, e nas populações de adolescentes mais jovens (10-14 anos), encontramos interesse e grande necessidade com relação aos aspectos morfológicos e funcionais do corpo e da forma de utilização dos métodos anticoncepcionais. Nesta situação, o trabalho teve o cuidado de estimular o interesse na aprendizagem teórica e na relação que eles estabeleciam com estas mudanças e responsabilidades.

b) Fatores psico-sócio-culturais:

Os grupos de adolescentes mais velhos, (15-18 anos) e mais informados, de escolas públicas e, principalmente, de escolas particulares, apresentaram dificuldades em adotar um comportamento adequado a prevenção, em circunstâncias ligadas a auto-imagem com relação a valorização social. As circunstâncias identificadas foram:

1 - Receio do julgamento do(a) namorado(a). Os adolescentes referem que num relacionamento com envolvimento afetivo podem ser mal interpretados pelos parceiros se estiverem de posse de um preservativo ou se a menina estiver utilizando algum tipo de contraceptivo. Esta atitude pode ser interpretada como sinal de promiscuidade ou má intenção no relacionamento.

2 - Medo da perda e a desconfiança. Este era colocado especificamente com relação ao uso do preservativo pelo parceiro. Exigir esta atitude do namorado, pode levar à um clima de desconfiança quanto a sua própria idoneidade física (DSTs e AIDS) e principalmente a dele. E se caso isto ocorre, o risco de perda do namorado é grande. Esta colocação dos adolescentes é preocupante pois, se partimos da hipótese de que eles vivem o “aqui e agora”, qualquer coisa que ameace esta vivência pode ser descartada e colocada em segundo plano.

O outro fator que foi presente e acentuava este medo, foi a idealização do ditado que diz: quem ama confia”. Portanto, este clima não pode existir, segundo eles, quando se está apaixonado. O que sugere a dificuldade de comunicação dos jovens sobre sexualidade.

3 - Magia da primeira relação sexual. Foi possível observar que a crença no valor da virgindade ainda está presente. Para algumas meninas, principalmente, a relação sexual não vai acontecer até o casamento. Portanto, se desfazer deste valor, só se algo inusitado e mágico acontecer, fazendo com que eles percam o controle da situação. Nesta colocação é possível os profissionais compreenderem porque a maioria dos jovens não usam qualquer tipo de prevenção em sua primeira relação sexual. Pois, como podem estes adolescentes prevenirem-se de uma gravidez, se eles tem certeza de que não vai haver uma relação sexual?

4 - A onipotência juvenil. Como não poderia deixar de faltar, o sentimento de que com eles “isto” (a gravidez) não acontece, esteve também presente.

5 - Os preconceitos:

- **preservativo é igual a desprezar:** Esta posição ainda faz parte da mentalidade do adolescente tanto masculino como feminino. Isto nos levou a refletir sobre o trabalho de orientação sexual. Será que não temos que investir na orientação, de como é possível utilizar o preservativo de forma prazerosa?

- **ser prevenido é igual a galinha/mal intencionado:** Este preconceito foi muito evidenciado durante os trabalhos com adolescentes. O que nos levou inferir que a educação sexual ainda reforça a virgindade, ou

no mínimo que o desejo de se ter uma relação sexual pode significar uma conduta desonrosa.

- **uso do preservativo é iniciativa do homem:** Há adolescentes tanto masculino como feminino que depositam no homem o bom senso de tomar a iniciativa de usar o preservativo numa relação que não estava nos planos do casal. Nesta colocação era claro o comportamento machista e a postura de submissão da mulher.

- **prevenção é responsabilidade da mulher:** Esta é uma postura que encontramos principalmente nos meninos. Ainda prevalece, com uma certa freqüência, aqueles que pensam que a gravidez neste período só interfere na vida da mulher e “como é ela quem fica grávida, que trate de se prevenir se não deseja um filho neste momento”.

Neste grupo a atuação foi no sentido de trabalhar os contexto sócio-culturais que reforçam essas atitudes e na desmistificação de tabus que bloqueavam as condutas positivas na prevenção. Através das dramatizações, colocávamos os adolescentes para vivenciar o faz-de-conta e encontrar novas respostas para as situações que exigiam a prevenção.

FATORES ECONÔMICOS:

Nos grupos economicamente carentes, o fator “fala de dinheiro” para adquirir métodos anticoncepcionais também foi presente. Nessa situação, foi indicado serviços que fazem distribuição e acompanhamento médico gratuito.

V - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A metodologia psicodramática viabilizou um trabalho de prevenção, no qual foi possível lidar não apenas com a instrumentação teórica mas também com os conflitos sócio-culturais causados pela contracepção e, em particular, pelo uso do preservativo. Pudemos observar que a prevenção da gravidez cria circunstância que podem atingir, de uma forma geral, a auto-imagem em relação a valores social. Portanto, acreditamos que o aspecto positivo deste trabalho se deve ao fato de colocarmos à serviço do adolescente determinados instrumentos e experiências que, uma vez vivenciadas, permitem a aquisição do conhecimento de si mesmo, de sua realidade e de parâmetros para escolha de condutas responsáveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CHENEY, M. Discussing sexuality with teenagers. *Midwives Chronicle & Nursing Notes* sep. 281-84, 1987.
2. GHERPELLI, M. H. B. V.; BURALLI, K. O.; ROSENBERG, C. P. Proposta de um programa de orientação sexual para escolas infantis e de 1° e 2° graus. *R.B.S.H.* 3(1); 46-55, 1992.
3. GRUPO DE TRABALHO E PESQUISA EM ORIENTAÇÃO SEXUAL-GTPOS. Guias de orientação sexual: Diretrizes e metodologia da pré-escola ao 2° grau/Tradução e adaptação: Grupo de Trabalho e Pesquisa em Orientação Sexual, Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, Centro de Estudos e Comunicação em Sexualidade e Reprodução Humana, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994, p. 101-104.
4. KIRBY, D.; PETERSON, L.; BROWN, J. G. A joint parent-child sex education program. *Child Welfare.* 61(2): 105-14, 1982.
5. PILON, A. F. Cultura e sexo - Expressões do projeto de vida. Comunicação apresentada durante o "Programa Nacional de treinamento em Educação da Sexualidade". Promovido pelo MEC, Brasília, D. F. 1987.
6. PROJETO de orientação sexual. Secretaria Municipal de Educação. Publicação SME 24, Gráfica Municipal, São Paulo, p. 7-13.
7. SCHECTER, S. J. The New York School Systems Family Life Education Program. *Community Health,* 11(1): 54-7, 1986.
8. TAYLOR, M. E.; WANG, M. Q.; JACK, L. Jr.; ADAME, D. D. Effects of contraceptive education on adolescent male contraceptive behavior and attitudes. *Health Education* april/may: 12-47, 1989.

No início do século XIX, a repressão sexual, se estendia, por exemplo, a masturbação como prática sexual, pois era contrária a procriação, e aos princípios religiosos, morais e médicos da época.

Inúmeras patologias eram atribuídas a masturbação. Havia declarações médicas, do tipo: “Não existe praticamente uma única doença que não possa vir da imoralidade e da masturbação” (Vogel).

Lembremos, que a repressão sexual, era útil, dentre dos valores e moral burgueses, quando no seu surgimento. Ela deslocava o prazer do homem, obtido na área sexual, para a área do trabalho e da produção: gerando assim lucros para a burguesia. O auge repressão, dá-se no momento do desenvolvimento do capitalismo, onde ocorre a transformação dos costumes, inclusive os sexuais.

À partir daí, a sociedade começa a tratar o jovem e a criança, como seres “assexuados”. Suas manifestações sexuais são vista com ares de preocupação, principalmente pelos pais e educadores.

Através de pesquisas recentes, realizadas na área de Educação Sexual, constatamos a dificuldade que inúmeros pais têm em falar de sexo com seus filhos, independente do seu nível sócio-econômico e cultural. Quando os pais mantêm uma conversa acerca de sexo com os filhos é para lembrarem dos riscos que ele representa. Raramente, referem-se ao prazer, as descobertas, ao amor, relacionados a sexualidade. Diante desse quadro, qual a postura dos pais? Delegam, alguns deles, para a escola a Orientação Sexual dos seus filhos. Mas será que a escola está preparada, de fato, para corresponder a essa expectativa dos pais? *O Professor está preparado para essa tarefa?* Sabemos, que o professor geralmente faz parte da mesma geração dos pais de seus alunos; com dúvidas e inquietações similares, gerando assim, receios, insegurança... O falar sobre sexo na escola, é um assunto recente.

Objetivamos verificar neste trabalho, o preparo técnico dos profissionais da área da educação, da rede municipal de ensino de São Paulo, região de Campo Limpo (eles futuros orientadores sexuais); utilizando como recurso de análise e discussão, os dados coletados em pesquisa realizada em maio de 1994, junto à estes profissionais.

2. MATERIAL E MÉTODO

2.1 População alvo

A amostra do universo da pesquisa são 70 (setenta) profissionais da área da educação, de 8 (oito) escolas da rede municipal de ensino de São

Paulo, da região de Campo Limpo (periferia da zona sul do Município de São Paulo).

2.1.1 Perfil geral da população pesquisada

Cinquenta e oito são professores que ministram aulas para o primeiro grau, além de outros doze profissionais da área da educação; sendo dois inspetores de alunos; oito coordenadores pedagógicos; um supervisor de ensino e um assessor da Delegacia Regional de Ensino de Campo Limpo (DREM-5).

- 90,00% são do sexo feminino;
- faixa etária compreendendo entre 25 e 50 anos de idade;
- 64,29% são casados;
- 82,86% possuem curso superior completo;
- 45,72% lecionam das 5ª às 8ª séries do 1º grau;
- 87,14% não possuem experiência no que tange a Orientação Sexual de forma sistemática, junto aos alunos.

2.2 Instrumento

Utilizando como instrumento de pesquisa, um questionário (anexo I) contendo perguntas abertas, que objetiva verificar o conhecimento teórico do professor orientador sexual, sobre a sexualidade; além do seu real preparo para lidar com questões concretas, como a gravidez na adolescência.

2.3 Procedimento

Por ocasião da Capacitação Profissional em Orientação Sexual, trabalho este realizado pela Unidade Básica de Saúde de Campo Limpo (Secretaria de Saúde do Município de São Paulo), e Delegacia Regional de Ensino de Campo Limpo (Secretaria Municipal de Educação); foi aplicado o questionário supra citado, junto aos 70 profissionais da área da educação.

3. RESULTADOS

Optamos por discorrer acerca dos dados mais significativos, no que se refere ao maior e menor percentual encontrados na pesquisa.

Tabela 1: O que significa para você o trabalho de Orientação Sexual (O.S.) com os adolescentes?

.50,00% (35 pessoas) O.S. espaço de informações, para dirimir dúvidas, discussão, aconselhamento e apoio.

.2,85% (2 pessoas) O.S. complementa Educação Sexual familiar.

Comentários pertinentes, válidos e que se completam, denotando a abrangência e a complexidade da Orientação Sexual nas escolas. Ressaltamos que a O.S. busca auxiliar no desenvolvimento psicossocial da criança/adolescente visando o exercício de sua sexualidade de maneira segura, responsável, prazerosa e conseqüente, em relação a si e ao outro; extrapolando assim, o campo somente da informação.

Tabela 2: Quais as maneiras de contrairmos os vírus HIV (AIDS)?

Respostas obtidas classificadas nos seguintes tópicos: transfusão com sangue contaminado; relação sexual; drogas injetáveis; transmissão vertical (de mãe para filho).

.100,00% (70 pessoas) citaram a transfusão de sangue;

.10,00% (7 pessoas) apontaram a transmissão vertical (de mãe para filho).

De modo geral, acreditamos ser bom o nível de conhecimento teórico dos pesquisadores, com respeito ao modo de transmissão do vírus da AIDS.

O baixo índice no item transmissão vertical justifica-se por requerer maiores informações específicas do profissional da educação. Diferente seria o nosso conceito, se o profissional em foco, fosse o da área da saúde.

Tabela 3: Quais são os métodos anticoncepcionais, considerados *os ideais* para os adolescentes?

.81,00% (57 pessoas) indicaram a camisinha (condom, preservativo ou camisa de vênus);

.34,00% (24 pessoas) mencionaram a pílula;

.9,00% (6 pessoas) citaram o diafragma;

.4,00% (3 pessoas) afirmam desconhecerem os métodos anticoncepcionais ideais para adolescentes;

.3,00% (2 pessoas) apontaram respectivamente, a tabelinha, o DIU (Dispositivo intra-uterino) e o coito interrompido.

A utilização de métodos anticoncepcionais pelos adolescentes é um assunto permeado de controvérsias. Entendemos, ser a camisinha, o método anticoncepcional ideal para os adolescentes.

O índice de 81,00% obtido, demonstra um bom nível de conhecimento teórico, sobre esse método em particular; conhecimento esse, que poderia ser melhorado. Quanto aos demais métodos anticoncepcionais, não fazem distinção entre os anticoncepcionais indicados para adolescentes e os não indicados. Encontra-se num mesmo patamar de indicação métodos eficazes (DIU) e não eficazes (tabelinha e coito interrompido).

Denota-se assim, um grau de informação fragmentada com noções incipientes. Necessitam os pesquisados de maiores informações, sobre as características gerais do conjunto de métodos anticoncepcionais existentes.

Tabela 4: A apresentação do caso: Camila é uma garota de 14 anos, e namora escondido dos pais, com Paulo de 17 anos. Eles já tiveram algumas relações sexuais, e não usaram nenhum método anticoncepcional. Camila anda preocupada... Sua menstruação está atrasada à 17 dias. Ela te procura para conversar sobre sua situação. Como você agiria?

.79,00% (55 pessoa) encaminhariam a adolescente, e por conseguinte seu caso para “terceiros”, sendo: 56% para profissionais da área da saúde e 23% para sua família. Diante disso questionamos:

- a) Profissionais da Saúde: atuação fundamental e necessária, mas o encaminhamento em si não assegurará o atendimento da garota.

. ela comparecerá ao serviço público de Saúde?

. se for, quando será atendida? Quem a acompanhará nesse ínterim? O profissional, quando vir a atendê-la, lidará de forma adequada a questão, e suas referidas implicações?

- b) Família de Camila: necessária a sua participação no caso desde que, seja constatada a gravidez, e com autorização prévia da adolescente. Deveriam ser considerados alguns aspectos, pelo professor; antes de contatá-la:

. qual sua estrutura interna?

. como se estabelece o relacionamento interpessoal?

. qual sua configuração interna, que justificaria Camila namorar “escondido”?

. como reagirão, caso seja confirmada a gravidez?

- c) Professor Orientador Sexual:

. o índice de 79% nos dá margem a pensar que devido sua in experiência em Orientação Sexual, ele delega a outros, responsabilidades, que poderiam também ser suas.

. 39% (28 pessoas) que corresponde a somatória dos demais itens levantados: denotam a dificuldade que o professor pesquisado apresenta em lidar com a questão. Fornecem respostas vagas como: “daria o apoio necessário” (sic) (não esclarecem que tipo de apoio será esse e como se dará); conver-

sariam com os pais de Camila (seriam mediadores? esperemos que na presença da garota e com o seu consentimento prévio); alertariam das conseqüências do ato sexual (somente agora?). Alguns profissionais da área da educação dariam orientações sobre os métodos anticoncepcionais (apenas sobre eles?); e outros, afirmaram claramente, que não saberiam como proceder, frente ao caso em questão.

4. CONCLUSÃO

Constatamos após término da pesquisa junto aos profissionais da área da educação que

1. Necessitam de um maior aprofundamento teórico, frente a dois temas fundamentais no trabalho de Orientação Sexual nas escolas: os métodos anticoncepcionais e as formas de transmissão do vírus da AIDS;

2. Frente uma situação concreta como a suspeita de gravidez na adolescência demonstraram: insegurança, receios, incertezas, imediatismo. Assumiram posturas individuais distintas: o do encaminhar; conselheiro; “amigo” mediador; e orientador.

3. A dificuldade apresentada pelos pesquisados em como *proceder*, frente uma suposta gravidez, em si deriva-se de falta de experiência dos mesmo no trabalho de Orientação Sexual; e conseqüentemente, da vivência com suas problemáticas (a gravidez “ indesejada”; aborto sexual; etc. Apesar de terem grau de instrução elevado (82,86% com nível superior), com uma provável vida sexual ativa (64,29% casados), alguns com filhos adolescentes, isso não lhes dá a segurança suficiente, em saberem como atuar. Isso deve-se talvez, a escassa educação sexual que receberam através dos anos, ou mesmo, uma formação profissional, que não contemplava prepará-los, de forma ampla, a lidarem com a sexualidade das crianças e adolescentes.

A capacitação técnica e a supervisão sistemática (pós-capacitação) aos profissionais da área da educação, são instrumentos que minorariam, a insuficiência teórica e prepararia-os para o processo de intervenção sistemática na área da sexualidade, junto a criança e adolescentes, etc. Onde seriam enfocadas as várias dimensões da sexualidade: fisiológicas, sociológicas, psicológicas e espirituais. Dessa forma, os futuros orientadores sexuais, estariam: seguros no desenvolvimento do trabalho de O.S.; constantemente atualizados; teriam a possibilidade de ter seu trabalho acom-

panhado de forma sistemática, por uma equipe de profissionais especializados na área; a com isso espaço para reflexão, dirimir dúvidas teóricas e/ou técnicas; reverem postura pessoais, frente a sexualidade humana, etc.

A capacitação/supervisão técnica pode ser fruto da união inter-secretarial (Secretaria da Educação e da Saúde), como foi o que ocorreu entre a Delegacia Regional de Ensino de Campo Limpo (DREM-5) e a Unidade Básica de Saúde de Campo Limpo (PMSP), trabalho este, que resultou na pesquisa ora apresentada.

TABELA 1

- O que significa, para você, o trabalho de orientação sexual a adolescentes?
- Total de questionários aplicados: 70.

Respostas obtidas	Número de pessoas	% sobre o total de questionários
Espaço de informação/orientação	35	50,00%
Obter maior responsabilidade/maturidade/prevenção	15	21,45%
Importante/sério	9	12,85%
Trabalho de libertação/medos/tabus/culpas	7	10,00%
Base para a vida sexual do jovem	2	2,85%
Complementar a educação sexual/familiar	2	2,85%

TABELA 2

- Quais as maneiras de contrairmos o vírus HIV (AIDS)?
- Total de questionários aplicados: 70.

Vias de Contaminação	Número de pessoas	% sobre o total de questionários
Transfusão de sangue contaminado	70	100,00%
Relação sexual	69	99,00%
Drogas injetáveis	47	67,00%
Transmissão vertical	7	10,00%

TABELA 3

- Quais os métodos anticoncepcionais considerados “ideais” para adolescentes?
- Total de questionários aplicados: 70.

Métodos	Número de pessoas	% sobre o total de questionários
Condom (camisinha)	57	81,00%
Pílula anticoncepcional	24	34,00%
Diafragma	6	9,00%
Outras respostas	4	6,00%
Não sei	3	4,00%
Tabelinha	2	3,00%
D.I.U.	2	3,00%
Coito interrompido	2	3,00%
Em branco	1	1,00%

TABELA 4

- Análise do Caso: Como agiriam diante da suspeita de gravidez, garota de 14 anos, rapaz de 17 anos?
- Total de questionários aplicados: 70.

Ação	Número de pessoas	% sobre o total de questionários
Encaminhaeria para profissionais da área de Saúde	39	56,00%
Aconselharia a adolescente a conversar com a sua família	16	23,00%
Daria "apoio" necessário	15	21,00%
Professor conversaria com os pais	5	7,00%
Orientariam sobre métodos anticoncepcionais	3	4,00%
Não saberiam o que fazer	3	4,00%
Alertariam das conseqüências do ato sexual	2	3,00%

ANEXO I

Questionário:

.Escola:

.Nome:

.Idade:

.Grau de Instrução:

.Estado Civil:

.Para que série leciona?

.Já desenvolveu um trabalho sistemático de Orientação Sexual?

1. O que significa, para você, o trabalho de Orientação Sexual a adolescentes?

2. Quais as maneiras de contrairmos o vírus HIV (AIDS)?

3. Quais são os métodos anticoncepcionais, considerados os *ideais* para adolescentes?

Caso:

Camila é uma garota de 14 anos, e namora escondido dos pais, com Paulo 17 anos. Eles já tiveram algumas relações sexuais, e não usaram nenhum método anticoncepcional, Camila anda preocupada... Sua menstruação, está atrasada a 17 dias. Ela te procura para conversar sobre sua situação. Como você agiria?

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERNARDI, Marcello. *A deseducação sexual*. Editora Summus, 1985.
2. FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Edições Graal, 1985.
3. GTPOS, ABIA, ECOS, SIECUS. *Fórum Nacional de Educação e Sexualidade. Guia de Orientação Sexual - Diretrizes e Metodologia da Pré-escola ao Segundo Grau*. São Paulo, Casa do Psicólogo, 1994.
4. MASTERS, William e JOHNSON, Virginia E. *O relacionamento Amoroso - Segredos do Amor e da Intimidade Sexual*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1988.
5. PARKER, Richard G. *Corpos, Prazeres e Paixões -A cultura Sexual no Brasil Contemporâneo*. São Paulo, Best Seller, 1991.
6. SUPLICY, Marta. *Sexo para adolescentes*. São Paulo, Editora FTD, 1988.
7. TIBA, Çami. *Sexo e Adolescência*. São Paulo, Ática, 1992.

A sexualidade silenciada na escola: implicações da orientação sexual subjacente no cotidiano escolar 7

Maria Veranilda Soares Mota*

RESUMO

Este trabalho enfoca a sexualidade dentro de um contexto sócio-cultural, em que normas de conduta, crença e valores vão definindo sua vivência. Concebe a sexualidade como fator político relevante na formação da subjetividade do homem. A investigação desenvolveu-se em duas fases: uma teórica, em que procuramos estudar questões que dizem respeito à sexualidade, com auxílio de diversos teóricos, sobressaindo-se Wilhelm Reich, pela sua grande contribuição no estudos acerca do tema. A segunda fase consistiu na análise de observações, questionários e entrevistas, tendo como alvo adolescentes e professores de duas escolas públicas. Dentre os principais dados obtidos, destacamos:

1. o silêncio em torno da sexualidade não é um vazio mas, na realidade, um símbolo proibitivo, que acarreta preconceitos e regras de comportamento.

* Professora da Universidade Federal de Uberlândia Mestre em Educação pela UFC a Doutorado em Educação (UNIMEP).
Recebido em 14.05.96

Aprovado em 02.06.96

2. a ignorância é utilizada como instrumento de poder e favorece a internalização e reprodução das interdições sociais, no que se refere à sexualidade.
3. embora a escola não desenvolva uma orientação explícita, a norma sexual ultrapassa toda a experiência escolar do aluno.

INTRODUÇÃO

“Hoje, a luta pela vida, a luta por Eros, é a luta política”.
(Marcuse)

Ao concebermos a sexualidade enquanto uma força que embarca o indivíduo em toda a sua integridade, que em sua expressão interfere na vida política e econômica de histórica, sempre aberta a novas significações.

Apesar de ser um aspecto natural e positivo da vida, a sexualidade tem se caracterizado historicamente, na maioria das culturas, pela negatividade resultante da repressão. Mesmo assim, não podemos deixar de percebê-la como aspecto que transcende ao biológico, vendo-a como parte integral da vida, que está estreitamente relacionada com o desenvolvimento da personalidade, com as relações interpessoais e com a estrutura social.

Diante de uma dimensão tão ampla, nos sentimos induzidos a questionar o silêncio da sexualidade na escola. Tal fato se torna mais questionável, quando percebemos ser fase da escola obrigatória - 07 aos 14 anos - que se dá a “revolução biológica que transforma não apenas o nosso corpo, mas, sobretudo, o nosso espírito e a nossa sociabilidade.” (Cândido, 1979)

É intrigante o descaso para com a sexualidade dos adolescentes constatado no cotidiano escolar. Pois, na verdade o indivíduo passa boa parte de sua vida na escola, onde lhe falam de “quase tudo”, mas não se menciona o desabrochar natural de sua sexualidade e do seu desenvolvimento. Portanto, é fundamental que se questione a quantas anda a educação e que se reflita mais sobre nosso cotidiano pedagógico.

MÉTODO

Ao tratar do tema sexualidade é fundamental não fazê-lo de forma isolada, mas percebê-lo dentro da complexidade que representa o homem. A intenção deste trabalho foi refletir a realidade, para, a partir de um conhecimento real, pensar possibilidades de transformá-la. Por isso, buscamos descobrir a estrutura oculta nos emaranhados da realidade escolar, fazendo sobressair o aspecto sexualidade, percebendo-a como instrumento de poder social, articulada aos eixos individual e coletivo da vida humana.

Revestidos desta preocupação, procuramos analisar a sexualidade contextualizada no social, com auxílio de diversos autores que, ao longo deste século, tem desvendado e explicitado o mistério que envolve a dimensão sexual. Além destes, 113 adolescentes de duas escolas públicas (uma situada na periferia e a outra no centro) da cidade de Crateús-CE, estiveram envolvidos conosco neste trabalho. Com eles convivemos durante um ano e meio, aproximadamente, observando-os, aplicando questionários, proferindo palestras, participando de um seminário. Mantivemos também, durante este tempo de pesquisa, contato com a direção das escolas e com professores, a quem aplicamos um questionário e fizemos entrevistas.

Com estes dados coletados, passamos para o processo de análise, buscando integrar os fatos de foro individual (nível micro) com a estrutura social (nível macro), evidenciando que, ao discutirmos sexo, discutimos sobre quem somos e o tipo de sociedade que desejamos.

CONTEXTUALIZANDO A SEXUALIDADE

As questões subjetivas, no meio acadêmico, até bem pouco tempo eram tratadas com um certo menosprezo, em decorrência de uma supervalorização das questões econômicas - objetivas. Parece-nos que uma leitura determinista e mecânica de Max é responsável pela desvinculação de tais dimensões, proporcionando a quase eliminação do fator subjetivo em alguns momentos da história. Tal fato apenas favorece à lógica de dominação capitalista, pois os representantes do capital reconhecem e utilizam os fatores subjetivos para veicular, na estrutura psíquica dos indivíduos, suas ideologias. E um destes fatores é a sexualidade.

Sendo a escola uma instituição socio-política, é ela também, responsável pela construção da subjetividade do aluno. Numa sociedade onde os interesses de grupos sociais estão longe de serem conciliáveis, e a educação é orientada para determinados fins, fica evidente que a visão de sexualidade perpassada pelas escolas sofre influências de uma dada orientação geral.

Wilhelm Reich, autor das contribuições mais originais no debate em torno de Marx e Freud, no início do século, critica o marxismo por este ter desprezado mediações concretas que fundamentam a internalização de valores e ideologias. O problema fundamental a ser analisado, na visão de Reich, consiste em compreender a essência da estrutura psicológica das massas a sua relação com a base econômica da qual se origina, ou seja, “como é possível que a criação das estruturas psíquicas da camada básica da sociedade, se adapte tão bem à estrutura econômica e aos objetivos das forças dominantes como peças de um instrumento de precisão.” (Reich, 1988)

Partindo desta preocupação, Reich tenta integrar a psicologia de Freud com a teoria econômica marxista, pois para ele “a existência humana é determinada tanto pelos processos instintivos como pelos processos sócio-econômicos.” (ibidem) Daí defender que todas as condições humanas deveriam ser enfocadas para melhor compreender o social.

Assim, as realizações mais pessoais, mais íntimas do instinto e do pensamento humano deveriam ser analisadas juntamente às condições que fazem parte do processo de trabalho.

A fim de evidenciar a complexidade destas questões, o referido autor apodera-se das descobertas de Freud acerca dos mecanismos da opressão a repressão sexual, para constatar que, historicamente, o surgimento da repressão da sexualidade dá-se com o início das divisões. Por conta deste fato, Reich afirma que é preciso transformar a estrutura social para que as pessoas possam viver sadiamente, visto que é através de suas instituições, que impõe uma vida miserável às massas, por meio da inibição moral da sexualidade natural, iniciada logo nos primeiros anos de vida da criança. Esta inibição “torna a criança medrosa, tímida, submissa, obediente, boa e dócil, no sentido autoritário das palavras. Ela tem um efeito de paralisação sobre as forças de rebelião do homem, porque qualquer impulso vital é associado ao medo; e como sexo é um assunto proibido, há uma paralisação geral do pensamento e do espírito crítico.” (ibidem)

Isso nos leva a crer que por meio da inibição sexual, somos submetidos a um enquadramento sexual. Mesmo sem uma orientação explícita, instituições como, a escola e a família, especificamente, estão a fornecer uma formação consoante com normas e valores da sociedade. Assim, não resta dúvida: desde que nascemos estamos submetidos a uma determinada educação sexual.

É importante destacar que, pare Reich, a condição “sine qua non” do processo de ideologização passa pelo controle da sexualidade, visto que, ao reprimi-la, cria-se e consolida-se um sistema de valores normativos, além de predispor-se o aparelho psíquico dos indivíduos ao receio da autoridade. O medo e a angústia inerentes, a esta situação, paralisam as faculdades intelectuais críticas.

Sendo a sexualidade uma das mais importantes e complexas dimensões da condição humana, aqui torna-se fundamental reafirmarmos ser ela mais um mecanismo de reprodução. A sexualidade transcende ao biológico, é parte integral da vida da pessoa e está estreitamente relacionada com o desenvolvimento da personalidade, com as relações interpessoais a com a estrutura social. Porém, acontece que a sexualidade humana, em geral, não se expressa nem se realize com naturalidade, mas de fato está quase sempre reprimida, controlada, deformada e manipulada pelo poder social. Pelo visto, é a sexualidade um aspecto e positivo da vida humana, caracterizado historicamente na maioria das culturas pela negatividade, resultante da repressão.

É notório que, a cada dia, a sociedade produz novos mecanismo de controle da sexualidade. Embora os suavize, não deixa de estabelecer normas, regras, valores, decretando continuamente permissão ou proibição nas práticas sexuais genitais, seja através da Educação Sexual, seja através do surto de doenças (início do século, sífilis; hoje, AIDS) ou outros problemas.

Quando se traz à tona a questão da educação sexual, geralmente não se trata de uma preocupação com o prazer e o bem-estar dos indivíduos, e sim pretexto para contornar alguns fatos considerados prejudiciais à ordem estabelecida. A proliferação de doenças venéreas, de nascimentos ilegítimos a alta taxa de crescimento demográfico, o fenômeno AIDS, abortos são considerados problemas, e estão **intrinsecamente ligados** à sexualidade. Para solucioná-los, busca-se a educação sexual que, neste caso, passa a ser interpretada fundamentalmente como transmissão de conhecimentos fisiológicos e anatômicos, mais preventivos de comportamentos indesejados do que promotores do bem-estar e da felicidade sexual dos jovens.

Ao longo da história a educação sexual tem sido fundamentalmente um mecanismo para a solução de problemas. Deste modo, perde-se a perspectiva de uma educação sexual que visualize a pessoa como um todo, situada num contexto social e que procure esclarecer o carácter específico da sexualidade humana, enquanto não só meio de reprodução, mas também de relação e enriquecimento interpessoal.

Urge transformarmos os padrões de relacionamento sexual vigentes. Para tanto, precisamos superar a ignorância tão marcante na vida das crianças, adolescentes e adultos. É a ignorância um grande empecilho à obtenção do equilíbrio do sujeito com o mundo. É ela que nutre as superstições propicia a absorção de idéias falsas, além de impedir a sua própria superação, dificultando os questionamentos, o pensar e o repensar sobre nós mesmo.

OS ADOLESCENTES E O SILÊNCIO

Foi com base nestes pressupostos teóricos, que procuramos entender o silêncio da sexualidade no interior da escola pública, captando e interpretando o sentido que os adolescentes têm de sua realidade, buscando apreender como pensam sua sexualidade, suas concepções e valores.

A pesquisa revela a ignorância em que se encontram os adolescentes. Parece-nos que a ignorância, além de propiciar a absorção de idéias deturpadas e de impedir o questionamento sobre nós mesmos, não permite reconhecer e valorizar o indivíduo como sujeito histórico que está em constante relação com outros.

Os adolescentes sentem um imenso interesse em discutir, falar, ouvir, ver tudo que se refere à sexualidade. Nesta fase da vida, a sexualidade perpassa todas as atividades e os pensamentos, tornando-se o assunto predileto de conversas, o ponto principal das preocupações dos adolescentes. Mas o que se verifica, em pleno final deste século, é ainda o silêncio da maioria das famílias e escolas em torno da questão

Por conseqüência deste fato, mantém-se estereótipos, reforça-se a dupla moral sexual, alimenta-se preconceitos, e abre-se espaço para o discurso liberal, que é usado com mais facilidade pelos adolescentes, refletindo uma incapacidade de crítica da realidade vivida.

No entanto, é compreensível tal atitude, se observarmos a falta de espaço onde crianças e adolescentes possam desenvolver uma postura diferente. A família e a escola calam-se diante da sexualidade de seus fi-

lhos e alunos, o que só aumenta a ansiedade que sentem diante das transformações que ocorrem em seus corpos. Dos 113 adolescentes que responderam nossos questionários, apenas 20 conversam sobre sexo com seus pais. Noventa e três deles, ou seja, 82% nunca tiveram a oportunidade de receber uma informação através de seus pais.

Os pais não conversam com seus filhos acerca do assunto e, quando perguntados, muitos proíbem veementemente qualquer discussão, como nos revelam os adolescentes pesquisados. Todavia, os pais que demonstram uma abertura para o diálogo, quando o fazem, é para aconselhamentos de cunho moralista, alertando os meninos para terem “cuidado com as meninas de hoje”, para “não se apaixonarem pela primeira garota que transarem”, já para as meninas, aconselham a só terem relações após o casamento, a não caírem em “cantada” dos homens, não caírem em tentação, pois, se acontecer alguma coisa, elas serão expulsas de casa.

Como se vê, os pais não estão preparados para o diálogo, já que se encontram imbuídos de idéias negativas, associam sexo a pecado. São atitudes como estas que deformam a vida sexual e emocional das pessoas. Como diz Amparo Caridade (1990), ao se falar de sexualidade está implícito o falar de afetividade, e a educação desta começa bem antes de o indivíduo nascer, o que nos faz acreditar serem os pais os primeiros e principais educadores da sexualidade. Infelizmente, poucos pais têm consciência deste fato. Na sua grande maioria, não percebem as conseqüências de uma educação opressora exercida por eles, a qual, sob o pretexto da moral, inculca conceitos reacionários, deixando assim, crianças e adolescentes à mercê de informações deturpadas

Contudo, esta dificuldade não é característica apenas dos pais. É também dos professores. A escola, assim como a família, cala-se em torno da sexualidade. Fato que nos parece estranho, diante da explosão de discurso que envolve a sexualidade, nos diversos canais de comunicação. Dificuldades para responder às indagações dos alunos e discutir sobre qualquer assunto ligado a sexo é o normal entre os professores, cuja saída mais viável é silenciar e impor silêncio a seus alunos. Dos 113 adolescentes pesquisados, apenas 09 mencionaram alguma fala dos professores sobre sexo, ocorridas nas aulas de ciência sobre o aparelho reprodutor masculino e feminino.

Reconhecendo este problema, parece-nos que as primeiras pessoas da escola a necessitarem de “educação sexual” - que informe biologicamente, discuta preconceitos, sentimentos e emoções - são os professores. A ignorância, tabus e preconceitos em que se encontram, lhes impede orientar sexualmente seus alunos. Quando tentam responder às indagações, passam muitas vezes, preconceitos que, a nosso ver, são mais prejudiciais

que a ignorância, pois atitudes negativas frente a sexualidade têm um peso muito maior do que a ignorância na formação dos indivíduos.

Quase todos os professores que responderam nosso questionário, não se consideram preparados para conversar sobre sexo com seus alunos, pois, como dizem, não têm conhecimentos necessários e suficientes para tal, mas reconhecem a necessidade de se fazer algo neste sentido. Apenas 11 professores devolveram nosso questionário, outros se recusaram a responder ou rasgaram por achá-lo “imoral”. Destes, apenas 03 se consideram aptos a trabalhar com orientação sexual. No entanto, dentre estes, dois se revelam possuidores de informações incorretas e postura moralizante diante da sexualidade: desde definir menstruação como uma “passagem da fase criança para adolescente”, e opinar sobre a homossexualidade como “absurdo”, e sobre o aborto como pecado.

É importante lembrar que as crianças nascem sem problemas sexuais, e que é a educação oferecida que as faz adultos com disfunções sexuais, tão acentuadas neste fim de século.

A democratização do saber é condições inegável à construção do homem, capaz de exercer sua cidadania e de vivenciar sua sexualidade como impulso natural, pois a ignorância traz conseqüências funestas à vida de um povo. A informação negativa, a exploração, a submissão são também resultantes da ignorância. A sexualidade, um dos aspectos da educação, não pode mais ser ignorado ou abandonado nos depósitos de problemas da família e da escola, pois nestas instituições os indivíduos comumente passam por elas. A negação do saber representa uma fonte de ignorância, responsável pela nutrição de superstições populares, baseadas em concepções errôneas que acabam por definir a forma de vidas das pessoas. A crença de que mulheres menstruadas são capazes de azedarem vinhos, tornar as sementes estéreis, fazer as frutas secarem, bolos e doces estragarem, por muito tempo determinou o comportamento das mulheres. Ainda hoje, mesmo com todo o avanço científico-tecnológico, muitas crenças perduram. Nossos adolescentes acreditam que à mulher menstruada é proibido comer manga, limão (72%), masturbar-se (51%), praticar esportes (44%), lavar cabelo (15%), tomar sorvete (10%).

Com efeito, não é à toa, a frustração vivenciada em torno da sexualidade, diante de tanta ignorância e concepções infundadas que rodeiam a mente dos adolescentes e adultos. Talvez seja o sexo um dos assuntos mais sujeitos a tabus e preconceitos, principalmente quando se observa que, até bem pouco tempo, era praxe considerar a ignorância sexual como sinônimo de inocência e pureza.

Os resultados deste trabalho revelam o exposto acima. Muitos fatores contribuem com o quadro explicitado na pesquisa. Sintetizando, podemos dizer que:

01. Apesar do silêncio, a sexualidade perpassa todas as atividades e o pensamento dos adolescentes, tornando-se o assunto predileto de suas conversas;
02. Os adolescentes adquirem valores sexuais com base em estereótipos estabelecidos pela dupla moral sexual;
03. Os adolescentes não entendem porquê “o sexual” é tratado com tanto mistério pela escola, pela família e por toda a opinião pública;
04. Os adolescentes encontram-se num alto grau de ignorância, o que impede uma real liberdade sexual;
05. Não há diálogo acerca da sexualidade entre pais e adolescentes, professores e adolescentes;
06. Pais desinformados, professores despreparados, livros inacessíveis são elementos reais na vida dos adolescentes;
07. Os adolescentes estão imbuídos de informações deturpadas;
08. Os adolescentes estão dispostos e interessados em refletir as questões sociais que estão relacionadas à vivência da sexualidade;
09. Há uma profunda inter-relação entre a questão sexual e a questão social;
10. A orientação sexual na escola é indispensável para propiciar a formação do indivíduo mais solidário e sujeito de sua história.

CONCLUSÃO

No decorrer da pesquisa, tentamos evidenciar a sexualidade como aspecto subjetivo intrinsecamente interligado à vida social e política, numa demonstração de que, nas sociedades de classes, a subjetividade é produzida de acordo com os interesses predominantes. Ao mesmo tempo, ressalta a necessidade de desenvolvermos uma nova subjetividade que “coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são nossos.” (Guattari, 1986)

Para isso, uma orientação sexual na escola se faz necessária. Todavia, não mais como pretexto para contornar problemas, mas para desfazer concepções errôneas, permitir às pessoas perceberem e sua sexualidade sem culpa, fundamentada numa abordagem natural e positiva da sexualidade situada num contexto político e cultural. Que, enfim, vise a sexualidade como legítimo prazer. Percebê-la assim é reconhecer como Reich

que “a juventude tem mais que um simples direito à informação, ela tem plenamente direito a sua sexualidade.” (1975)

Portanto, a sexualidade tem um papel importante a desempenhar na formação do indivíduo, deste com seu corpo, pois o corpo é o elemento primeiro de comunicação e relação com os outros homens.

Apesar de muitos pesquisadores estarem preocupados com a educação sexual e de todo o trabalho feito neste sentido, ainda encontramos muitas escolas na situação das trabalhadas nesta pesquisa, o que nos reafirma a necessidade...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CÂNDIDO, Antonio. A estrutura da escola. In: PEREIRA, L. e FORACCI, M. *Educação e sociedade*: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Editora Nacional, 1979.
2. CARIDADE, Amparo. (Con)tato e diálogo na educação sexual. In: *Revista Sexus*. Rio de Janeiro: Mudes (2):12-13, 1990.
3. GUATTARI, F. ROLNIK, S. *Micropolítica*: cartografia do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
4. MARCUSE, H. *Eros e civilização*: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
5. REICH, Wilhelm. *A revolução sexual*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
6. _____. *A função do orgasmo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
7. _____. *Psicologia de massa do fascismo*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
8. _____. *O combate sexual da juventude*. Porto: Textos Marginais, 1975.
9. RIBEIRO, Marcos. Educação sexual. In: *Revista Femina*. Rio de Janeiro, (10):945-948, out., 1988.
10. VITIELLO, Nelson. (org.) *Sexologia II*. São Paulo: Roca, 1986.

Liberdade sexual e seus limites 8

Mabel Cavalcanti*

O problema da liberdade, sob qualquer ângulo, é realmente fascinante e, para falar sobre ele, requer a condição imprescindível de estar livre. Liberdade total para sentir, agir e ser.

Partindo desse pressuposto, o tema deve ser encarado sob o aspecto ético-filosófico, porque só dentro deste contexto é que se pode falar de critérios de liberdade.

Se o conceito de liberdade é objetivo, a sensação da liberdade e os limites da liberdade estão presentes na subjetividade de cada pessoa, à luz de seus valores a no contexto de sua filosofia de vida.

Liberdade não é conceito rígido, imutável que não abra os horizontes da individualidade. Muito ao contrário, a filosofia de vida do homem livre é que lhe permite conviver harmonicamente com pontos de vista diversos, num dinamismo de trocas que renova e que recria. E é dentro dessa ótica que o tema deve ser abordado.

* CESEX-DF.
Recebido em 11.05.96

Ao encarar, portanto, a temática da liberdade sexual, não podemos deixar de assinalar no tempo, os movimentos de emancipação feminina ao qual se associou o aparecimento de método contraceptivos que permitiram à mulher usar sua sexualidade sem o perigo das gestações indesejadas. Paradoxalmente, a liberdade da mulher, marca também o início da verdadeira liberdade sexual do homem.

A liberdade é um processo e não uma data marcante. O movimento libertário, a revolta, é apenas o primeiro passo.

Configuremos melhor as coisas: Falamos de revolta contra o que ou contra quem?

De fato, a pressão cultural que determinava os padrões aceitáveis do comportamento feminino era, realmente, uma variável importante que corrompia o conceito de liberdade para as mulheres. Não só das mulheres; elas não eram as únicas prisioneiras dessa tirania, porque ao ter que assumir posturas de machões conquistadores, o homem estava tão escravizado quanto a mulher que ele sujeitava. Sua vontade livre, criadora, estava igualmente comprometida e ele tinha que assumir essas atitudes sob pena de ser marginalizado como fraco ou mesmo macho. Suas decisões pessoais passavam a ser frutos estereotipados de conceitos sócio-culturais. Sua capacidade de ser livre, submetia-se à pressão grupal dominante. Estávamos tão presas a tabus, quanto os homens se achavam encadeados na sua tirania machista.

Ao romper a cadeia externas dos preconceitos, ao quebrar os elos das correntes repressivas, olhamos à nossa volta a enxergamos um horizonte maior. Aprendemos a dizer não, como a criança que vivendo a fase de revolta, aprende a dizer não às pressões paternas. Mas, não terminou aí o processo da libertação.

Percebemos que a liberdade exige um estágio maior de crescimento. Não é só reivindicar, abrir espaço, mas efetuar a escolha certa da reivindicação e do espaço adequado a ser vivido.

Como verdadeiro rebanho, estamos ameaçados de caminhar numa direção pré-determinada. Nossa liberdade continua sendo cerceada pelos critérios externos, nossas expectativas jogadas em segundo plano. Proclama-se o direito à liberdade de *ter*. Liberdade para ter coisas... E, fala-se no uso do corpo, como direito ao uso de coisas que possuímos.

Cabe aqui uma avaliação crítica, com base numa visão antropológica do homem, como ser unitário, e como pessoa existente e concreta.

- *Eu tenho* um corpo de que eu uso e abuso a meu critério, *ou eu sou* o meu próprio corpo, com responsabilidades intrínsecas sobre ele?

É esse corpo que *nós somos* como pessoa que se manifesta através de uma linguagem única e criativa, que irradia nosso sentir, nosso pensar, nosso agir. Ele fala uma linguagem sexual é claro, mas, também exprime o sentido profundo que a regula. Interromper essa comunicação é dicotomizar nossa verdade. A linguagem que se exprime a nível físico e aí permanece, não transparecendo a mensagem interior, perde-se no vazio. Unilateral, parcial, incompleta, não é autêntica. O discurso sensório sem retorno e sem sofrer aquela transformação que permite quebrar o nosso egocentrismo não nos possibilita ir ao encontro do outro.

Isto não implica em abdicar do prazer, nem dar ao outro prioridade, em detrimento de nós mesmo. O ter consciência de quem se é do que se sente, e do seu próprio amor, passa a ser, na verdade, condição primária para o transcender em direção ao outro. A atividade sexual deixa de ser uma mera ginástica ou uma simples exploração epidérmica sem conteúdo, para fazer parte de um mundo maior, como forma de ser, na concretude existencial de cada um.

Ao se identificar com o Bem e com o Belo, nós percebemos como valor e nos tornamos livres e verdadeiros para um partilhar de emoções numa relação de entrega que permite um dinamismo fecundo a criativo.

Como diz Rollo May, a liberdade passa a ser “a capacidade do homem contribuir para sua própria evolução”. O exercício da liberdade amplia o âmbito da personalidade.

O direito de ser livre implica em deveras intra e interpessoais. “Liberdade e responsabilidade caminha, juntas”. Não causar dano psicofísico a si mesmo nem aos outros é decorrência dos nossos direitos. Buscamos nosso próprio bem, mas vislumbramos a capacidade do bem que o outro possui. É uma liberdade positiva e não apenas defensiva.

Quando falamos em outros, estamos nos referindo ao parceiro ou ao grupo social como um todo. Neste caso, sentimo-nos adequado socialmente, transformando nossa fantasia em realidade. Vamos de encontro ao real e não contra ele.

Essa adequação não é o mesmo que aceitação do valor modal do grupo, não é uma robotização. Percebemos que estamos fazendo parte dinâmica de um grupo, mesmo quando conseguimos ser livres para escolhas pessoais, sem que isto resulte em ferir ou interferir na liberdade da escolha interpessoal. O indivíduo e o grupo formam um todo harmônico mesmo que preserve a riqueza das suas próprias opções.

Assim, a luta e a conquista pelo direito de agir não é apenas uma exaltação à liberdade pessoal, mas também, uma promessa de cumprir os objetivos que a própria liberdade impõe.

Dessa forma é que entendemos a liberdade de ser, um *Ser sexuado*, porque na verdade, a liberdade não é algo que se dê, que se tome ou que se receba; não é algo que tenha apenas uma aparência externa; é sobretudo, um ato volitivo, um movimento interior, algo que se conquista em face à nossa postura existencial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DYER, W. Seus pontos fracos. 1976, Record.
2. LERER, M. Luiza. Sexualidade feminina. 1985, Sudamerica/Planeta.
3. ROLLO MAY. A coragem de criar. 1975, Nova Fronteira
4. ROLLO MAY. O homem à procura de si mesmo. 1976, Ed. Vozes Ltda.
5. SNOEK, J. Ensaio de ética sexual. 1981, Ed. Paulinas.

Percepção dos pais acerca
da sexualidade dos filhos
na adolescência
Parent's perception of their
children's sexuality in
adolescence

9

Eliana Piccoli Zordan*
Eluisa Bordin Schmidt**

I - RESUMO

Analisaram-se 341 questionários que indagaram sobre as percepções e preocupações dos pais acerca da sexualidade dos filhos na fase da adolescência, fazendo um análise comparativa quanto ao sexo masculino e feminino. Os questionários foram respondidos por pais de adolescentes da faixa etária de 13 a 19 anos, de escolas particulares de Erechim-RS.

Na percepção dos pais, existem diferenças em relação ao grupo masculino e feminino no que se refere a aquisição de informações, aceitação das manifestações sexuais e preocupações com a sexualidade dos filhos adolescentes.

* Psicóloga, com formação em Sexologia Clínica, Terapia Familiar e Terapia de Casal. Mestranda em Psicologia Clínica e Psicopatologia.

** Psicóloga, com formação em Sexologia Clínica, Saúde Mental, Psicoterapia do Bebê, Criança e Adolescente, Especialista em Saúde Pública.

Recebido em 14.06.96

Aprovado em 04.07.96

Concluiu-se que os pais sentem necessidade de auxiliar os filhos informando, trocando, dialogando sobre sexualidade, porém, sentem dificuldades em lidarem com este tema. Faz-se necessário o desenvolvimento de trabalho de educação sexual na adolescência integrando pais e filhos.

II - SUMMARY

Three hundred and forty one questionnaires witch asked parent's preoccupation and perception of their offspring's sexuality in adolescence were analized construting a comparative analysis as to the masculine and feminine sex. The questionnaires were anwered by parents of adolescents ranging between the ages of 13-19 from Private Schools in Erechim-RS.

In the parent's perception, there are differences in relation to the masculine and feminine groups in regards to: the aquisition of information, acceptance of sexual manifestations, and the preoccupations with their adolescent offspring's sexuality.

It was concluded that the parents feel the need to help their children informing, exchanging, dialoquing about sexuality, nevertheless they have difficulties in dealing with this theme. The development of sexual education integrating parents and children becomes necessary.

III - INTRODUÇÃO

A partir de questionamentos e depoimentos feitos pelos pais em palestras proferidas sobre sexualidade, e, devido aos poucos estudos sobre a percepção dos pais quanto à sexualidade dos filhos na adolescência, considerou-se relevante investigar no meio em que se trabalha estas questões.

A adolescência caracteriza-se por ser um período do ciclo vital em que há importância acentuada das manifestações e do amadurecimento sexual, que ocupa um grande espaço da vivência interna do indivíduo. Neste período os pais estão mais atentos às manifestações sexuais de seus filhos, sendo reativadas nos pais ansiedades e sentimentos de sua vivências sexuais na adolescência, reavaliadas agora na meia idade.

A maioria dos estudos mostra a sexualidade na adolescência a partir da visão do adolescentes. Propôs-se complementar esses dados com a percepção dos pais, dentro de uma compreensão integrada.

IV - MATERIAL E MÉTODOS

Preparou-se um questionário com o objetivo de identificar percepções dos pais sobre a sexualidade dos seus filhos adolescentes. Após, este questionário foi aplicado a pais de estudantes que não participariam do estudo e modificado até verificar que investigava os dados propostos pela pesquisa.

Foram distribuídos 610 envelopes (319 para o sexo feminino e 291 para sexo masculino) para alunos de escolas particulares de Erechim-RS, na faixa etária de 13 a 19 anos. Foram distribuídos mais envelopes para o sexo feminino porque havia mais alunos deste sexo nas turmas destas escolas. Cada envelope continha uma folha de instruções a dois questionários (totalizando 1.220 questionários), um para ser respondido pelo pai e o outro pela mãe, a respeito daquele filho ou filha que levava o questionário para casa. Na folha de instruções informava-se que os questionários deveriam ser respondidos individualmente e que também se aceitaria se apenas um dos pais o respondesse.

Retornaram 377 (30,9%) questionários, e destes 341 foram analisados, pois 36 foram eliminados por estarem em branco, ou não identificarem a idade do(a) adolescente.

As questões analisadas por este estudo foram:

- Como os pais percebem a aquisição de informação sexuais por parte de seus filhos?

- Como percebem as questões (e manifestações) sexuais de seus filhos adolescentes?

- Quais as preocupações mais freqüentes dos pais quanto à sexualidade de seus filhos adolescentes.

- Quais as semelhanças e diferenças nas percepções e preocupações dos pais em relação aos adolescentes do grupo e masculino.

O questionário foi composto por questões de escolha simples, múltiplas e abertas.

Realizou-se uma análise das questões juntando as respostas dos pais e das mães em relação aos adolescentes do grupo feminino e do grupo masculino.

Num segundo momento realizou-se uma análise comparativa entre o grupo feminino e masculino.

V - RESULTADOS

5.1 - IDENTIFICAÇÃO DA AMOSTRA

Houve um maior número de questionários respondidos por pais de meninas do que por pais de meninos. A maior proporção do grupo feminino deve-se ao fato de haver nestas escolas uma maior porcentagem de adolescentes do sexo feminino.

A faixa etária foi de 13 a 19 anos, sendo que predominou a idade de 15 anos, como se pode ver nas tabelas abaixo:

Tabela 1 - Idade dos adolescentes do grupo masculino:

Idade	Nº	%
13	08	5,6
14	28	19,3
15	48	33,1
16	36	24,9
17	22	15,1
18	03	2,0
19	00	0
Total	145	100

Tabela 2 - Idade dos adolescentes do grupo feminino:

Idade	Nº	%
13	17	8,7
14	23	11,8
15	83	42,3
16	49	25,0
17	19	9,7
18	04	2,0
19	01	0,5
Total	196	100

Tanto no grupo feminino quanto no masculino constatou-se que houve um predomínio de questionários respondidos pelo casal de pais (67,3 e 74,5% respectivamente). A segunda maior frequência foi de questionários respondidos somente pelas mães (30,7 e 17,9%) e, em terceiro

lugar, somente pelos pais (2,0 e 7,6%). pode-se à filha e um número maior de pais respondendo em relação ao filho.

5.2 - ANÁLISE DAS QUESTÕES FECHADAS

5.2.1 - PERCEPÇÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO À AQUISIÇÃO DE INFORMAÇÃO

A grande maioria dos pais afirma que têm transmitido informações sobre sexualidade aos filhos.

Os recursos mais utilizados para transmitir informações são o diálogo e os livros.

Quanto à busca de informações, na opinião dos pais, os filhos adolescentes procuram com maior frequência informações sobre sexualidade, se comparados com o grupo feminino.

As fontes de informações procuradas pelos adolescentes, na opinião dos pais, apresentam algumas diferenças nos dois grupos, como podemos ver na Tabela 03. No grupo feminino, a mãe aparece como a maior fonte. Já no grupo masculino esta aparece em 3º lugar. No grupo aparece como primeira fonte de informações os amigos, que ocupam o 2º lugar entre as adolescentes.

Tabela 3 - Fontes de informação procuradas pelas adolescentes na opinião dos pais.

Fontes	Nº	%
Mãe	129	30,0
Amigos	95	22,2
Livros	91	21,2
Pai	39	9,0
Professores	20	4,7
Pessoas mais velhas	14	3,2
Revistas e jornais	5	1,3
Profissionais especializados	5	1,3
Irmãos	3	0,7
Revistas pornográficas	3	0,7
Namorado	2	0,5
Tia	1	0,2
Televisão	1	0,2
Filmes	1	0,2
Palestras	1	0,2
Não responderam	19	4,4
Total	429	100

Tabela 4 - Fontes de Informação procuradas pelos adolescentes na opinião dos pais.

Fontes	Nº	%
Amigos	92	24,6
Livros	70	18,7
Mãe	65	17,4
Pai	57	15,2
Professores	30	8,0
Revistas Pornográficas	24	6,4
Pessoas mais velhas	16	4,3
Profissionais especializados	8	2,2
Palestras	2	0,5
Irmãos	2	0,5
Tios	1	0,3
Filmes pornográficos	1	0,3
Não responderam	6	1,6
Total	374	100

5.2.2 - PERCEPÇÃO DOS PAIS EM RELAÇÃO AS MANIFESTAÇÕES SEXUAIS

Quanto à percepção dos pais em relação às manifestações sexuais foram oferecidas questões relativas à masturbação, à prontidão para a iniciação sexual, bem como indagado se o filho(a) já teria realizado sua iniciação sexual.

No que se refere à masturbação, 67,7% dos pais afirmam que está sempre presente em relação ao sexo masculino, e em relação ao sexo feminino, a maioria (47,5%) afirma que apenas às vezes acontece. Isto demonstra que há uma maior aceitação das manifestações sexuais nos adolescentes do que em relação às adolescentes. A maioria dos pais considera que tanto a adolescente (82,7%) quanto o adolescente (61,4%) não estão preparados para o início do relacionamento sexual. Porém, em número significativamente maior (38,6%) acreditam que os rapazes estão preparados, enquanto que somente 16,8% acreditam que as moças o estejam. Estes dados sugerem que, na opinião dos pais, na mesma faixa etária, os adolescentes estariam melhor preparados para o início da atividade sexual do que as adolescentes.

Na opinião dos pais tanto suas filhas (47,5%), quanto seus filhos (37,7%) não iniciaram atividade sexual, sendo que 42,8% dos pais do grupo do sexo feminino acreditam que serão informados quando isto acontecer e somente 19,9% dos pais do grupo do sexo masculino têm esta opinião.

5.2.3 - PREOCUPAÇÕES DOS PAIS QUANTO A SEXUALIDADE DOS FILHOS ADOLESCENTES

A seguir abordar-se-à as preocupações dos pais quanto às diversas conseqüências do exercício da sexualidade de seus filhos adolescentes.

5.2.3.1 - Conseqüências Físicas

Para levantar as preocupações quanto às conseqüências físicas da atividade sexual foram oferecidas as seguintes opções: gravidez, DST, AIDS, promiscuidade, aborto, disfunções sexuais e ausência de preocupações.

Neste item incluiu-se também um questionamento em relação à anticoncepção. Se os pais consideram que os filhos estão informados, preparados e se têm responsabilidade para usarem um método anticoncepcional.

Constatou-se que em relação ao grupo feminino, os pais se preocupam igualmente com a AIDS e gravidez precoce (31,4%) aparecendo em seguida a preocupação com DST (20,9%). Quanto ao grupo masculino, predomina a preocupação com a AIDS (37,2%), seguida da DST (29,7) e em terceiro lugar, gravidez precoce (18,3%).

No que se refere à anticoncepção, os pais consideram que tanto os filhos quanto as filhas estão informados. Porém, em relação às filhas, a maioria acredita que embora estejam informadas, não têm responsabilidade suficiente para o uso (41,0%). Quanto aos filhos, a maioria considera que estão informados (41,9%) e, em número menor, acreditam que não têm responsabilidade suficiente para o uso (26,9%).

Os pais acreditam que os filhos estão preparados para escolher um anticoncepcional para si e sua companheira (17,2%). Somente 5,1 % acreditam que as filhas estejam preparadas para escolher um método para si e seu companheiro.

5.2.3.2 - Conseqüências Afetivas

Para abordar as preocupações dos pais com as conseqüências afetivas foram sugeridos itens relativos a conflitos emocionais, reflexos negativos na auto imagem e auto-estima, exigência de desempenho positivo e ausência de preocupações.

Os pais preocupam-se, principalmente com o aparecimento de conflitos emocionais em 47,0% das vezes, quanto ao grupo feminino a em 33,0% quanto ao grupo masculino. No grupo feminino a segunda preocupação é com os reflexos negativos na auto-imagem e auto-estima (23,3%). Com percentual próximo (23,2%), no grupo masculino, aparece a preocupação com um desempenho positivo. Neste grupo, os reflexos ne-

gativos na auto-imagem e auto-estima aparecem em terceiro lugar, com 21,3% e a preocupação com desempenho positivo, nas meninas, aparece em 4º lugar com 10,6%. Consta-se que a preocupação com o desempenho é maior no grupo masculino do que feminino.

5.2.3.3 - Conseqüências Afetivas-Relacionais

A investigação quanto às preocupações com as conseqüências afetivo-relacionais foi baseada em itens que envolviam a dificuldade do adolescente em expor ao pais as suas preocupações e ansiedades, as influências negativas do grupo, a necessidade de se envolver num aborto, de ter que assumir um casamento precoce e ausência de preocupações.

Em ambos os grupos a maior preocupação é de que o adolescente não exponha aos pais suas preocupações e ansiedades (35,3% feminino e 33,0% masculino). A preocupação com o casamento precoce aparece em segundo lugar quanto ao sexo feminino (29,4%) e em terceiro lugar no sexo masculino (19,8%). Já a preocupação com influências negativas do grupo ocupa o segundo lugar no grupo masculino (24,7%) e terceiro no grupo masculino (17,0%).

5.2.3.4 - Conseqüências Sócio-Culturais

A identificação das preocupações dos pais relacionadas com as conseqüências sócio-culturais foi feita através de questões que consideravam se o exercício da sexualidade deveria acontecer somente no casamento, somente quando o filho se sentisse pronto, somente no namoro firme, com envolvimento afetivo ou a sua livre escolha.

Nos dois grupos a maioria dos pais considera que o exercício da sexualidade deve acontecer quando o adolescente se sentir pronto (39,7% feminino e 41,1% masculino). No grupo feminino aparece em segundo lugar o exercício da sexualidade somente no casamento (19,0%) o que é pouco significativo no sexo masculino (6,8). No grupo masculino o 2º lugar é ocupado pela livre escolha (24,2%). Esta forma aparece em quarto lugar no grupo feminino (13,6%).

5.3 - PREOCUPAÇÕES EXPRESSAS PELOS PAIS NAS QUESTÕES ABERTAS

Foram elaboradas duas questões abertas. A primeira referia às preocupações que consideram que o filho tenha em relação à sua sexualidade.

A segunda questão dizia respeito às preocupações que os pais têm em relação à sexualidade do filho.

5.3.1 - PREOCUPAÇÕES QUE OS PAIS SUPÕEM QUE OS FILHOS TENHAM

Com relação aos aspectos físicos, os pais consideram que os filhos tenham receio de adquirir doenças, enfrentar uma gravidez precoce e aceitar as mudanças corporais (37,7%). Quanto às filhas aparecem, além destes, a idéias de que elas não sabem fazer a anticoncepção e diferentes em relação ao aborto.

Estas respostas confirmam que o exercício da sexualidade para a mulher ainda está vinculado à reprodução (36,0%).

Nos aspectos afetivos os pais pensam que os filhos de ambos os sexos têm ansiedade quanto à iniciação sexual, preocupação com o envolvimento afetivo com o parceiro(a) e timidez (33,3%). Em relação aos aspectos familiares e sociais, os pais consideram que os filhos têm dificuldade em falar sobre sexualidade. Pensam também que os filhos temam sofrer pressões do grupo de iguais e da sociedade. Especificamente no sexo masculino, os pais acham que os filhos se preocupam com o atraso na iniciação sexual em relação aos colegas e que apresentem aspectos característicos de homossexualidade (11,5% no sexo feminino e 18,0% no sexo masculino).

Outros aspectos mencionados foram as preocupações normais da adolescência e a suposição que os filhos sintam falta de informações (5,1% no sexo feminino e 5,7% no masculino).

5.3.2 - PREOCUPAÇÕES EXPRESSAS PELOS PAIS QUANTO À SEXUALIDADE DE SEUS FILHOS ADOLESCENTES

A análise dos quadros I e II mostra que há semelhanças nas preocupações que os pais sentem em relação ao filho e à filha, principalmente nos aspectos físicos. Em relação aos aspectos afetivos e aos aspectos familiares e sociais apresentam algumas peculiaridades.

Quadro I - Preocupações expressas pelos pais quanto à sexualidade de seu filho adolescente.

Fontes	Características	Nº	Índices de Frequência %	
Aspectos Físicos	- AIDS e outras doenças	03	3,8	5,1
	- Gravidez	01	1,3	
Aspectos Afetivos	- Iniciação sexual satisfatória e saudável	12	15,1	26,4
	- Reservado quanto à sua sexualidade	06	7,5	
	- Timidez	02	2,5	
	- Acompanhado de envolvimento sentimental precoce	01	1,3	
Aspectos Familiares e Sociais	- Diferença entre os valores dos amigos e dos adultos	07	9,0	55,8
	- Maturidade na escolha do parceiro	07	9,0	
	- Complemento da educação sexual pela escola	06	7,5	
	- Maior preparo para o diálogo	06	7,5	
	- Necessidade de informações	05	6,3	
	- Responsabilidade pelas conseqüências	03	3,8	
	- Experimentar com responsabilidade	03	3,8	
	- Sempre foi espontâneo	03	3,8	
	- Acha bem resolvido, mas necessita de orientação	02	2,5	
	- Não está preparado para diferenciar sexo e sexualidade	01	1,3	
- Responde quando questionada	01	1,3		
Outros Aspectos	- Sem preocupações	09	11,4	12,7
	- Dado aos estudos não se ateu a estes descaminhos	01	1,3	
Total		79	100	100

Quadro II - Preocupações expressas pelos pais quanto à sexualidade de sua filha adolescente.

Fontes	Características	Nº	Índices de Freqüência %	
Aspectos Físicos	- AIDS e outras doenças	03	4,0	6,7
	- Gravidez	02	2,7	
Aspectos Afetivos	- Que a iniciação sexual satisfatória e saudável	13	17,6	36,4
	- Que o início sexual precoce traga resultados negativos no futuro	04	5,4	
	- Valorização do envolvimento afetivo na sexualidade	04	5,4	
	- Vivenciar com responsabilidade e maturidade	03	4,0	
	- Ter oferecido condições favoráveis para a satisfação da filha na vida adulta	02	2,7	
	- Com envolvimento afetivo muito intenso	01	1,3	
Aspectos Familiares e Sociais	- Considera importante o diálogo	11	14,9	50,0
	- Considera importante a transmissão de informações	10	13,5	
	- Ênfase à educação sexual na escola	05	6,9	
	- Frustração quanto ao tipo de comunicação que estabelece com o filho a respeito deste tema	04	5,4	
	- Orientar adequadamente	02	2,7	
	- Seria uma decepção saber que mantém relações sexuais, pois confia na educação que deu	02	2,7	
	- A influência do grupo	01	1,3	
	- O casamento precoce	01	1,3	
	- Predomínio do diálogo com a mãe	01	1,3	
Outros Aspectos	- Sem preocupações por acreditar que está se desenvolvendo normalmente	05	6,9	6,9
Total		74	100	100

VI - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Pesquisar sobre sexualidade mobiliza sentimentos, preconceitos e tabus como podemos notar, pois entregamos 610 envelopes e retornaram 257 (42,1%). Destes que voltaram, 48 (18,6%) voltaram fechados e 36 (14%) voltaram em branco. Será que os que voltaram em branco foram entregues pelo adolescente aos pais ou foram censurados pelo próprio adolescente? Quanto aos envelopes que voltaram fechados, será que os pais o fizeram porque não gostariam que o adolescente tomasse conhecimento da sua respostas?

Esta atitude é contraditória com a opinião expressa pelos pais quando colocam que o recurso mais utilizado para transmissão de informações é o diálogo.

Neste estudo, constatamos que há diferença significativas na educação sexual do filho e da filha. Os pais afirmam por exemplo, transmitir informações sobre sexualidade predominante em relação ao sexo feminino, reforçando a idéia de que o menino “se educa” na rua.

Pai e mãe acham que o adolescente masculino procura mais informações com os amigos.

Outro aspecto a salientar é que é atribuída à mãe a maior responsabilidade pela educação sexual da filha, aparecendo esta como maior fonte de informação. O que está de acordo com a idéia que se tem de que os pais assumem maior responsabilidade na educação dos filhos do próprio gênero sexual. Estes dados nos mostram que o casal de pais não compartilha a educação sexual dos filhos e o próprio homem acredita que cabe à mãe transmitir estas informações à filha.

Os pais mostram-se mais abertos às manifestações de sexualidade no grupo masculino do que no grupo feminino. Exemplo disto é a idéia de que a masturbação está sempre presente nos rapazes e, às vezes, acontece com as moças. Gauderer (1987) refere que “existe um preconceito em relação à masturbação e ainda é mais acentuado nas meninas, moças e mulheres. Elas se masturbam menos que os homens por razões culturais”.

A maioria dos pais acha que os filhos de ambos os sexos nesta faixa etária não estão preparados para o início do relacionamento sexual, porém uma porcentagem menor acredita que os rapazes estariam mais preparados do que as moças, encarando a sexualidade masculina com maior naturalidade e liberdade do que a feminina.

Ainda em relação às manifestações da sexualidade, a maior parte deles acredita que tanto o filho, quanto a filha ainda não iniciou a atividade sexual.

Conforme Vitiello (1986), é muito difícil conseguir dados precisos sobre a idade da iniciação sexual em nosso meio. No entanto, afirma que há “evidências de ser a faixa entre 15 e os 17 anos seja aquela em que maior número de iniciações ocorrem, pelo menos, no sexo feminino”.

Também Brito (1992), indica a faixa de 14 a 17 anos como predominante da iniciação sexual masculina conforme investigação realizada em Pouso Alegre (MG).

Um outro referencial é mencionado por Maia (1993) num estudo realizado em Belo Horizonte (MG), colo que “no Brasil a idade média do primeiro coito é 16,9 anos para as moças e 15 anos para os rapazes”.

Já o presente estudo foi desenvolvido numa cidade de porte médio no interior do Rio Grande do Sul, que apresenta características sócio-culturais distintas. Por esta razão, questiona-se se na amostra que está sendo pesquisada, os adolescentes não teriam iniciado sua vida sexual ou se os pais estariam negando a si mesmos esta iniciação fruto do amadurecimento e independização dos adolescentes em relação aos pais.

Como afirmam Vitiello e Conceição (1990) “o exercício da sexualidade entre adolescentes não é uma invenção de nossa época; há apenas duas ou três gerações era hábito comum que nossos avós se casassem aos 14, 15 ou 16 anos. O que se tornou característico, há cerca de três décadas, foi a prática da sexualidade por jovens do sexo feminino em condições pré-conjugais”.

Por outro lado, grande parte dos pais das adolescentes acredita que serão informados sobre o início do relacionamento sexual, um número bem menor de pais refere que seus filhos os informarão. Estes dados reforçam a idéia de que há maior aproximação entre a filha e os pais quanto à educação sexual e outras questões de sexualidade, em comparação com o filho que já busca mais informações de outras formas (amigos) e não comenta muito sobre isso com os pais.

As preocupações dos pais quanto às conseqüências do início do relacionamento sexual neste estudo foram categorizadas em: físicas, afetivas, afetivo-relacionais e sócio-culturais.

Como resultado constatou-se que os pais se preocupam com AIDS, DST e gravidez precoce, sendo que, no grupo feminino a gravidez aparece com um percentual maior em relação ao grupo masculino.

Com relação à anticoncepção, os pais acreditam que os filhos estão informados e preparados para a escolha de um método anticoncepcional para si e sua companheira, não questionando se eles têm ou não responsabilidade suficiente para fazê-lo. Quanto às filhas, consideram que estão informadas, mas não têm responsabilidade suficiente para o uso, considerando que não estão preparadas para escolher um método para si e seu companheiro. Vitiello (1994) refere que é muito grande o nível de desinformação exibido pelos adolescentes, embora essa desinformação não seja o único motivo que leva à má utilização da metodologia anticoncepcional, pois está também vinculado a fatores psicológicos e sócio-culturais.

No que se refere aos aspectos afetivos, a preocupação maior dos pais em ambos os sexos é com o aparecimento de conflitos emocionais. A diferença é que no grupo feminino é com reflexos negativos na autoimagem e auto-estima e no grupo masculino, a preocupação é que tenham desempenho positivo, persistindo as exigências do papel sexual masculino.

Considerando as conseqüências afetivo-relacionais, os pais revelam como maior preocupação que os adolescentes de ambos os sexos não exponham suas ansiedades, demonstrando que não confiam na existência de um clima de abertura e confiança para tratar estes assuntos.

Neste sentido, Monesi (apud Ribeiro, 1993), coloca que muitos adolescentes têm como preferência o sexo após o casamento, acrescentando que esta opção por iniciação da atividade sexual pode estar revelando alguma dificuldade em organizar As primeiras experiências com a sexualidade.

Na amostra pesquisada os pais, com relação ao grupo feminino, estabelecem a ligação da sexualidade com a reprodução e com as expectativas sociais. Paralelamente em relação ao grupo masculino a preocupação maior dos pais é com as influências do grupo de iguais, o que está de acordo com a impressão que têm de que os rapazes buscam mais informações e trocas com os amigos. Mais uma vez transparece a idéia de que a sexualidade masculina “foge ao controle dos pais” ou os pais permitem que seja menos controlada por eles.

Na opinião dos pais a iniciação sexual em ambos os sexos deve acontecer quando o adolescente se sentir pronto, havendo, novamente uma diferença importante entre masculino e feminino, pois para elas deve acontecer somente no casamento e para eles deve ficar a sua livre escolha.

Nas perguntas abertas os pais tiveram a oportunidade de revelar as preocupações que supõem que seus filhos tenham em relação à sexualidade. O levantamento destes dados confirmam as questões mencionadas anteriormente, acrescentando questões relativas ao aborto e dificuldades para o diálogo. Exclusivamente no grupo masculino os pais supõem que os filhos se preocupem com a comparação entre amigos quanto ao início do relacionamento sexual e com diversos aspectos relacionados à homossexualidade. Pressupõem também que os filhos tenham as preocupações normais da adolescência e que sintam falta de informações. A percepção dos pais de que os filhos sentem falta de informação, é corroborada por Vitiello & Conceição (1990), ao afirmarem que “a falta de informação e a postura ambígua do adolescente com relação à sexualidade é consequência da ausência de referência e de valores, visto que, os valores de seus pais foram superados, mas nada foi colocado no lugar”.

Os relatos dos pais destacam as preocupações relativas ao que categorizamos como familiares e sociais, com relevância ao diálogo e à necessidade de transmissão de informações no caso do sexo feminino. Nesta mesma área, em relação ao sexo masculino predomina a preocupação com a diferença entre valores dos amigos e dos pais, bem como a maturidade na escolha do parceiro. Estes dados sugerem que os pais se sentem mais responsáveis pela educação e transmissão de informações sexuais para a filha enquanto que o filho recebe mais informação e se relaciona mais com o mundo exterior à família.

Além disso, os pais manifestam o desejo de que seja desenvolvido pela escola um programa de educação sexual que complemente as informações e vivências familiares.

Com referência aos aspectos afetivos, os pais expressam um desejo de que seus filhos, de ambos os sexos, venham a ter uma iniciação sexual que os leve à vivência sexual adulta satisfatória. Esta possibilidade de vivência sexual adulta satisfatória está diretamente relacionada à capacidade de trocar, de dar e receber amor, de estabelecer uma relação afetiva que possa se expressar tendo através do relacionamento sexual, pois como diz Kusnetzoff o ato sexual se converte, desse modo, em um momento relaxante, de íntima união, em que, por um instante, ficam entre parênteses as preocupações e os desgostos” (1987, p. 27).

Nas verbalizações dos pais foi dado pouca ênfase aos aspectos ligados mais estreitamente ao físico, o que nos leva a inferir que a sexualidade está sendo percebida e há um desejo de que seja tratada a partir de uma perspectiva que envolve também os aspectos psico-sociais. Entretanto, as respostas dadas no questionário demonstram a dificuldade

dos pais em aceitar e lidar com as manifestações da sexualidade na adolescência.

CONCLUSÃO

Consideramos que este trabalho pode trazer uma contribuição para as questões da sexualidade na adolescência, pois a maioria dos estudos tem investigado como o adolescente sente e vivencia a sua sexualidade, sem investigar a visão dos mesmos fenômenos por parte dos pais. Assim, ampliando a nossa visão, conhecendo a perspectiva dos pais é possível que possamos favorecer o diálogo entre pais e filhos, com uma visão pluridirecional e não unilateral.

As respostas dadas pelos pais demonstram que eles sentem a necessidade de auxiliarem os filhos, informando, trocando, dialogando sobre sexualidade, porém sentem dificuldades em lidarem com este tema.

Isso nos leva a pensar, como profissionais da área, que é necessário desenvolver um trabalho que aborde a sexualidade humana, nos seus aspectos bio-psico-social e ético, bem como a educação sexual nas diferentes fases da vida, aproximando pais e filhos, já que, neste estudo os pais manifestaram este desejo e, em outras investigações os adolescentes expressaram vontade de conversar com os pais sobre sexo. Alguns trabalhos realizados com adolescentes indicam que eles gostariam que a educação sexual fosse dada pelos seus pais.

Neste trabalho, detemo-nos a investigar a percepção dos pais sobre as manifestações da sexualidade incluindo a iniciação sexual, pois é a principal característica desta fase da vida na cultura ocidental onde vivemos.

Na percepção dos pais, eles têm transmitido informações sobre sexualidade para os filhos, principalmente através do diálogo e livros. Porém em outros pontos deste estudo, manifestaram dificuldade em estabelecerem uma comunicação com seus filhos, o que nos leva a refletir se o diálogo mencionado é realmente vivido ou se caracterizaria a situação ideal e desejada.

Consideramos que é difícil aos pais abordarem a questão da sexualidade com seus filhos adolescentes, em função da reativação das suas próprias ansiedades vivenciadas na adolescência e, possivelmente revividas agora no momento da passagem para a meia-idade.

Constatamos, neste estudo, que existem e vêm sendo perpetuados através das gerações, as diferenças na educação sexual do homem e da mulher, isto é com maior liberdade para ele e maior repressão para ela.

Nas famílias é atribuído à mãe o papel de transmissora de informações, principalmente em relação à filha, pois, em relação ao filho, tanto o pai quanto a mãe consideram que ele busca mais informações fora de casa, confirmando as diferenças na educação sexual recebida por casa sexo.

Na percepção dos pais, são mais aceitas as manifestações sexuais do filho do que da filha, como exemplo, a questão da masturbação e da iniciação sexual, revelando menor repressão ao grupo masculino.

Os pais se sentem mais responsáveis pela educação-repressão da sexualidade das filhas, enquanto que os filhos ficam mais soltos para receber as influências do meio, apesar deles manifestarem certa preocupação quanto ao tipo de influência que os mesmos receberão.

A grande maioria dos pais considera que seus filhos não iniciaram o relacionamento sexual, considerando também que, os filhos de ambos os sexos, não estão preparados para a iniciação sexual. Esta posição sugere que acham que, nesta faixa etária os filhos são muito novos para o exercício da sexualidade, apesar das informações e do diálogo que tenham estabelecido com eles ou que não aceitam as relações pré-conjugais, principalmente no sexo feminino.

De modo geral, os pais acham que os filhos estão mais informados e preparados para o exercício da sexualidade, inclusive quanto aos métodos anticoncepcionais confirmando que aceitam mais as manifestações da sexualidade dos rapazes. Enquanto isso, a sexualidade das filhas aparece associada à reprodução, ao envolvimento afetivo com o parceiro e ao casamento.

As preocupações mais freqüentes, com relação aos filhos de ambos os sexos foram com: AIDS, DST, gravidez precoce. Com relação aos aspectos emocionais preocuparam-se com aparecimento de conflitos emocionais no grupo feminino vinculados aos reflexos negativos na auto-imagem e auto-estima e no grupo masculino ao desempenho positivo.

Além disso os pais revelam preocupações com os filhos por não exporem suas ansiedades, com o casamento precoce (grupo feminino) e com influências negativas dos amigos (grupo masculino).

Neste estudo nos restringimos a analisar os dados dos pais (pai e mãe) em relação ao filho e à filha, sendo que num outro momento poderíamos cruzar os dados: o pai em relação ao filho, o pai em relação à

filha, a mãe em relação ao filho, a mãe em relação à filha, para podermos avaliar as diferenças de acordo com o gênero dos pais e dos filhos.

A análise dos dados levantados nos levam a refletir acerca das diretrizes da educação sexual que deverá se voltar para favorecer a maior igualdade entre os sexos o que também se refletirá na comunicação entre os dois sexos e na melhoria das relações afetivas e conjugais que os jovens estabelecerão no futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.
2. BRITO, M. A. K. *Aspectos do comportamento sexual de adolescentes masculinos da região sul do estado de Minas Gerais*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol. 4, n° 1, São Paulo: Iglu Editora, 1993.
3. ERIKSON, Erik M. *Identidade, juventude a crise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
4. FREITAS, Edmundo Leal de. *Adolescência - o normal e o patológico*. Temas do 7° Congresso da ABENEPI. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.
5. GAUDERER, E. Christian. *Crianças, adolescentes e nós: questionamentos e emoções*. São Paulo: Aimed, 1987.
6. KUSNETZOFF, Juan Carlos. *A mulher sexualmente feliz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
7. _____. *O homem sexualmente feliz*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.
8. MAIA, M. B.; GUIMARÃES, R. A.; LOPES, G. P. *A informação sexual do adolescents: uma nova proposta*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Volume I, n° 4, São Paulo: Iglu Editora, 1993.
9. MARCELLI, Daniel & BRANCONNIER, A. *Manual de psicopatologia do adolescents*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
10. PFROMM NETTO, S. *Psicologia da adolescência*. São Paulo: Editora Pioneira, 1974.
11. OSÓCIO, L. C. *O adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
12. RIBEIRO, M. *Novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Ventos, 1993.
13. SEGÚ, H. *Educacion sexual en la familia y en la escuela*. Editorial Planeta, Buenos Aires, 1990.
14. VITIELLO, N. *Sexologia II*. Comissão Nacional de Sexologia da FEBRASCO. São Paulo: Rocca, 1986.
15. VITIELLO, N. & CONCEIÇÃO, I. S. C. *O exercício da sexualidade na adolescência - Aspectos biopsicossociais*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Volume 1, n° 2, São Paulo: Iglu Editora, 1990.
16. VITIELLO, N. *Sexualidade e reprodução na adolescência*. Revista Brasileira de Sexualidade Humana. Vol. 5, n° 1, São Paulo: Iglu Editora, 1994.

Castigo: um mito educativo 10

Roberto Curi Hallal*

“A criança é o prisioneiro político do adulto”. (Dodard)
“O fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer”. (R. Barthes)
“Entendemos, quando fazemos parte do que se nos diz”. (Heidegger)

A humanidade atravessa uma mudança sem precedentes em sua história. O enorme avanço tecnológico alcançado em poucos anos não foi acompanhado duma evolução ética, social e psicológica por parte dos humanos. Criou-se um abismo entre a capacidade inventiva e o aproveitamento generalizado destas novas máquinas. A *evolução no conhecimento das máquinas* não teve a companhia duma evolução no conhecimento dos seres humanos acerca de si mesmos. Muito embora seja cada vez maior o número de pessoas investindo nos direitos humanos e na melhora da qualidade de vida. Assim também como começam a surgir movimentos no sentido de humanizar o uso das máquinas, começa-se a revisar o conteúdo

* Psicanalista.
Recebido em 02.07.96

desumanizado da educação, muito mais quando sabemos que as crianças estão sendo mandadas às escolas com menos de dois anos de idade numa tentativa social dos pais encontrarem quem os substitua enquanto eles investem em suas próprias concepções individualistas de ser. Acaba tudo na idealização do ensino que os leve ao nível universitário. E a educação confundida com a escola formal. A escola que aceita este objetivo sem a consciência do problema, passa a ser conivente quando aceita e estimula semelhante ideologia.

A globalização da informação aproxima-se a todos, tornando os problemas comuns preocupação de todos. Assim os filhos sabem dos problemas mundiais, sabem do desemprego, da origem do dinheiro e do poder dos pais. Tem a consciência de como é difícil ganhar o dinheiro e se os que o tem, o merecem. Ainda que a consciência dos poderosos em termos econômicos esteja contaminada pelo imediatismo do uso, suas histórias são implacáveis.

Por outro lado, vê-se um contingente de pessoas que acreditamos pensantes e lúcidas, dentre eles intelectuais, eruditos, músicos, artistas, profissionais liberais defendendo a mesma tese de que castigo não faz mal sem a consciência da cumplicidade constituída, porque a maioria ocupa-se demasiadamente de seus espaços, suas profissões, seus “eus” buscando um lugar social, e acabam pagando terapeutas, professores particulares e escolas que preencham o vazio deixado por seus pequenos investimentos nos filhos. Quando os filhos lhes denunciam a falta, estes pais encontram alguma forma coercitiva para seguir impedindo a denúncia do que não deram aos filhos, esquecendo-se que em última instância seus compromissos sociais para com eles.

Observa-se contrastantemente, nesta mesma população, uma tolerância passiva ou uma participação ativa na utilização do castigo às crianças como uma forma de educação. Embora estas deformações da educação já não sejam oficialmente aceitas, muitas delas ainda são utilizadas ocasional ou constantemente.

Os argumentos no sentido de defender a não violência parecem não haver chegado ao interior dos lugares freqüentados pelas crianças.

O discurso que se cala, conjuntamente com o que se fala é organizador das personalidades. Entretanto aquele discurso que se cala organiza a face eclipsada, o outro lado da alma, aquele lugar que não se costuma indagar. Assim sendo, pouco se dedica a refletir sobre ele.

Seria de pouca utilidade pretender através da literatura transmitir consciência, entretanto sem intenções de relevar o novo, podemos redimensionar o já sabido para inseri-lo em outros contextos do conhecimento

revisando as ideologias que subjazem as atitudes sociais e familiares quando estas estão a serviço da destruição.

Quando o assunto é violência doméstica a tendência é buscar culpados a vítimas. Entretanto a indagação devidamente estudada nos faz crer que *nas questões de violências familiares todos são vítimas alienadas da história* que se incorpora sem crítica.

Revisar esta questão significa revisar mitos. Tentamos assim sair da frente dos espelhos que nos refletem, como aqueles dos parques de diversões, que nos mostram diferentes do que realmente somos em nossos cotidianos enquanto sujeitos responsáveis pela transmissão da cultura às crianças.

Não somos tão maus quanto nos pensamos nem tão bons como nos anunciamos. *A violência é cada vez mais vulgar*. Está em todas as esquinas, em todos os veículos de comunicação em todas as casas, em todas as escolas, em todos hospitais infantis, em maior ou menor grau.

Há uma grande preocupação com a educação formal dos filhos, mas dedica-se muito pouco na revisão dos meios que se utiliza para alcançar o fim desejado.

Banalizou-se as formas de violências sutis, pois sua existência no cotidiano através da visualização terminaram vulgarizadas.

Uma criança aprende quando ameaçada, aprende com medo, com palmadas também. Acreditar-se que as crianças e os jovens somente aprendem o que lhes é transmitido com amor, é no mínimo uma ingenuidade. *A criança que apanha para aprender, só aprende a apanhar e bater, ou aprende a ser covarde sem nenhuma capacidade de defesa*. A ameaça leva à obediência, mas não a compreender a razão do que lhe está sendo exigido. Os sistemas impostos costumam ter respostas imediatas e encobridoras dos verdadeiros problemas das crianças. Pouco se avalia, porque pouco se sabe do que se ganha ou perde com as violências cometidas contra elas.

A teimosia das crianças em obedecer ordens geralmente está acompanhada da falta de compreensão por parte dos pais e educadores sobre o momento que elas estão vivendo e, essas situações muitas vezes são resultado de confusões para os jovens sobre o que lhes está passando. Outras vezes a atenção do desobediente está voltada para si mesmo impedindo-o de escutar as ordens transmitidas. Também pode ocorrer que as crianças e os jovens não dêem o mesmo peso e valor que o adulto está dando a determinada ordem. Não deixando de lado o mais comum: que simplesmente reagem por fazer-lhes pouco caso.

As resistências que as crianças tem em obedecer as ordens dos pais são superficiais e transitórias. Não se pode esquecer de suas fragilidades.

Há uma tendência a atribuir um poder às suas oposições que em verdade não existe. As crianças vivem inseguras e poucas são as que mantêm suas posições de oposição por muito tempo. Poderíamos dizer que esclarecer-lhes sobre o que lhe está acontecendo faz com que elas diminuam suas resistências e até mesmo suas ansiedades relacionadas a cada circunstância. Seria ideal que cada educador estivesse imbuído do espírito de quem tem que vender uma idéia e convencer ao outro de comprá-la. Aqui no caso geralmente os educadores cotidianos impõem a idéia a ainda se ofendem dos jovens não desfrutarem da “mercadoria” adquirida a força.

Um argumento freqüente para justificar as palmadas, é que conversa não basta ou até mesmo de que as crianças provocam os adultos e que fazem de tudo para apanhar. Deixemos ingenuidade de lado e pensemos que é um direito das crianças experimentarem as convicções de quem ordena, assim como também aprendem a medir seu poder, os abusos que fazem deste poder e as fraquezas dos adultos. Também faz parte do aprendizado da vida aprender a conhecer o limite de cada um que está ao redor, mas isto não significa que se aceite a violência como forma de posta de limites.

Podemos dizer que muitos pais e educadores não se preocupam em educar as crianças. Voltam suas atenções para elas quando surgem ataques de ira ou de ansiedade. Não deixa de ser curioso que os adultos tentem frear os ataques de ira das crianças com verdadeiros ataques de ira de adultos, corporalmente maiores e mais fortes em suas reações. Pensa-se assim curar a ira com a ira. Tenta-se corrigir a violência com uma violência maior.

As pessoas quando violentas justificam suas violências com argumentos que eles mesmos já aceitaram. São como aquelas mentiras que se contam com tanta convicção que acabam sendo aceitas como uma verdade pessoal.

Nos momentos de agitação das crianças, entendemos que estão descarregando uma ansiedade que não conseguem controlar, por isso mesmo necessitam da vida muscular como forma de diminuir a ansiedade. As crianças e os adolescentes quase nunca conseguem administrar suas ansiedades e suas frustrações, assim sendo muitos de seus atos estão comprometidos por esta incapacidade. A severidade ou a falta de educação adequada às necessidades momentaneamente manifestadas, somente aumentam a confusão. A desaprovação social e a veemência com que se demonstre o desagrado que determinadas atitudes das crianças provocam, feita no momento adequado, poderá poupar a essas crianças de sofrerem atitudes extremas como a dos castigos, humilhações e privações impostas por pais e educadores.

Quando cessa a insistência ou a desobediência costuma-se pensar que a questão está resolvida. Nada disso é verdadeiro, apenas fica adiada a solução com o silêncio das crianças ou a obediência imposta de cima para baixo. O caminho de semelhante submissão é a depressão. A depressão leva a que toda essa energia volte acumulada, reforçada e disfarçada na próxima tentativa. Caso o acúmulo de cerceamento prossiga constante, teremos a comum explosão da adolescência. Ali a surpresa de muitas escolas e pais ao verem os jovens totalmente desfigurados, comportando-se pelo oposto do que sempre haviam sido até então. É muito comum nas crises de loucura, ou em outras formas de manifestação extrema, ouvir-se a família dizer “ele era tão calmo, tão cordial a agora nem parece ele mesmo...” ou ainda “ela era tão boazinha e agora só grita e faz tudo ao contrário do que pedimos...”. Fica claro que esses jovens não foram ouvidos, vistos ou percebidos em suas essências durante longos anos até chegarem a um período em que seus gritos soaram mais alto do que a surdez daqueles que lhes omitiram o direito de opinião.

Um “não” dado no momento e com a convicção necessária tende a ser considerado. Usa-se muito “não” na rotina das educações, assim se o vulgariza. *O não e o sim são tão preciosos na educação que somente deveriam ser utilizados em horas especiais.* Nas demais rotinas do convívio com as crianças e os jovens caberia que se observasse mais detidamente visando conhecê-los mais profundamente para poder interferir nas suas educações. Todos os pais e educadores tem o mito de conhecer aos jovens somente por conviver com eles. Convívio não significa conhecer o outro pois freqüentemente coabita-se sem conviver.

O adulto reprova na criança desobediente uma intenção de comportamento sem pesquisar mais além do ato instantâneo. Exigimos das crianças e dos adolescentes algo que não costumamos fazer: escutar aos outros.

Os adultos geralmente convivem mal com as diferenças. Quando um adulto se encontra ante alguém menos poderoso, mais humilde ou mais fraco tende a menosprezá-lo e abusar de poder para com ele. Com semelhante atitude mostra seu rechaço ao diferente e manifesta seu preconceito social.

As crianças não são projetos inacabados de adultos. Nem podem usar a razão com a mesma agilidade com que os adultos o fazem, quando o fazem.

A conduta de muitos pais e educadores favoráveis ao uso do castigo parece estar inspirada no fato de que uma educação severa os preparará melhor para a vida. Usam também o argumento de que as crianças respeitadas em suas necessidades e democraticamente estimuladas a par-

ticipar das suas decisões serão sujeitos inaproveitados pela cultura, serão futuros problemas, pois são mimados.

Outro mito universal é de que passar por maus momentos ajuda a formar o cidadão. A história dos sofrimentos também nos ensina que isto é parte da vida, mas também convém saber que evitar sofrimentos desnecessários para as vidas deixa uma maior crença no futuro e é mais útil do que reproduzir o sofrimento como forma positiva para a existência.

A ideologia rigorosa e exageradamente imposta através de uma educação que não permita a participação ativa dos educadores só trás mágoas e lembranças angustiantes. Seguir sendo liberais da boca para fora não serve para os jovens que estão próximos. Assim eles acabam assistindo a contradição de adultos que são liberais nos argumentos e ditatoriais nas ações para com eles. Não se ensina a liberdade com maltratos. Pelo contrário da força, ensina-se aos jovens uma forma de utilização de seus potenciais para serem livres ajudando-lhes a ter maior responsabilidade, indicando-lhes convicções com limites adequados, respeitando as contradições que ambas as partes tenham no decorrer das discussões.

Um forte argumento de pressão para estimular nos educadores a exigência exagerada é que a tolerância, a espontaneidade e a delicadeza são negativas para a formação dos jovens, principalmente se forem homens. Estimula-se a rigorosidade de suas educações com a promessa de que assim serão mais homens. Em contrapartida se utiliza a amostragem de filhos que cometem equívocos atribuindo seus erros a uma educação tolerante. Confunde-se assim a idéia de que a tolerância, o respeito e a compreensão são responsáveis pelo equívoco. Se assim fosse os jovens mais humanizados seriam considerados maus exemplos. Desta forma, a rigorosidade formaria nos jovens uma proteção contra o mau uso dos potenciais. Quem acredita em semelhante afirmativa parte do princípio que os livres são perigosos. Os livres não podem ser confundidos com os abandonados. Os livres tem opinião, ou pelo menos, consciência crítica para formarem suas idéias. Já, os abandonados são facilmente influenciáveis e acabam copiando seus grupos, encontrando substitutos para os pais que não lhes dão o mínimo necessário para suas formações ética e moral.

A ideologia predominante no argumento dos castigadores é que agem sempre em nome do “bem”, em nome do “correto”, para “torcer o pepino de pequeno”.

Detenhamo-nos um pouco a avaliar tais concepções. Certamente quem se atribui semelhante argumento para o exercício da função não se pensa um educador, seu papel estará mais próximo a de um “corretor”. Parte-se assim do princípio equivocados que se está tratando com crianças

e adolescentes já distorcidos por natureza. Não é concebível que um educador pense aos jovens como definitivamente formados.

Todos sabemos que a vida é um processo e nenhum de nós é igual nas diferentes etapas da vida. Quando verificamos a presença da visão estática percebemos que ela está apoiada em alguma teoria que não contempla a vida como um processo, muito menos um processo humano. Considerando que os humanos podem pensar e como tal com capacidade de poder transformar seus atos mediante a reflexão, todo ato que leve aos jovens a uma reflexão sobre suas produções passará a ser um ato educativo. No castigo se anula a reflexão porque ódio e incorporação de conhecimentos não combinam.

Nada é definitivo na vida, somente a morte.

Claro está que palmada só faz bem em quem precisa descarregar sua violência nos mais fracos. Há filhos que passam a odiar intensamente a pais e educadores em decorrência do uso sistemático dessas formas. A mágoa guardada, a humilhação inesquecível voltarão de alguma forma, ou porque incorporam ao perseguir e passam a fazer o mesmo com irmãos menores ou companheiros de colégio ou pelo contrário como um “tapa com luva de pelica” fazendo-os passar de jovens humilhados a adultos que repudiam a humilhação, transformando ao contrário suas experiências de jovens castigados em pessoas que evitam o castigo e a privação do lazer.

Lamentavelmente o lazer fica incluído como “não fazer nada” numa alusão plena de que educar é apenas disciplinar. Não se considera a importância do brincar na formação da saúde dos indivíduos. Como não se considera o brincar em todo seu valor, assim jamais se educa para o lazer. Como se isto não bastasse ainda se o exclui da vida dos jovens como forma de punição.

Por isso, diferencio as ações punitivas entre: castigo corporal e a privação do prazer como formas de violências.

A privação do brincar é um desestímulo ao gozo da vida. A punição se dá exatamente onde a saúde se expressa. Sabe-se o quanto as crianças gostam do que fazem com o gosto dos sinceros. Elas nos dão notícias do quanto gostam de brincar. Ali elas riem, gozam, se socializam, descarregam tensões, tentam elaborar situações traumáticas e conhecem o mundo dos sonhos. E é por perceber-se todo o valor que para eles significa o lazer é que os adultos punidores lhes cerceiam esse direito. Assim acabam ferindo-os num lugar de impacto, onde pela privação lhes deram o direito do que “eles gostam”. Isso só dá raiva, aumentando o ciclo do conflito, o que os convida a desistir do gozo. Quando essa forma é constante e assí-

dua pode levar os jovens a níveis de renúncia da vida, alguns até pensam em suicídio como única saída.

O que se busca com o castigo e a privação? Corrigir aos jovens? Os destinos da culpabilidade e do castigo só pioram a performance, introduzindo o incremento do ódio na relação entre adultos e jovens. Nenhuma atitude violenta leva a um incremento de responsabilidades, ao contrário promove uma diminuição na auto-estima de todos e esta por sua vez constitui núcleos depressivos. Muitos jovens deprimidos são mal compreendidos e acusados de maus filhos ou maus alunos. As atitudes terapêuticas também costumam ser de ordem corretiva, quase nunca contemplam a problemática de todos os que a envolvem quando surgem. Por não considerarem a essência da ideologia predominante, tendem a buscar um culpado para a situação de má performance dos jovens. Um aluno que não se adequa às exigências da escola tende a ser reprovado, se lhes impõe a mudança de escola, a evasão escolar ou a acompanhamentos psicológicos a serviço da negação do sistema e seus exageros. Tenta-se assim mudar o jovem para adaptá-lo ao modelo. Não se pensa em mudar os modelos. As manifestações de rebeldia dos jovens é compreendida pelos adultos como desvios de conduta. Na verdade os adultos quando violentos transmitem regras que nem eles mesmos acreditam, são pouco hábeis na forma e pouco pensam em seus conteúdos. *Os violentos não duvidam de suas atitudes, logo encontram uma racionalização para explicar o ato.* Porém uma vez que são violentos, alguns se arrependem e voltam atrás em suas punições, o que colabora ainda mais para a confusão que a contradição remete. Outros, *dão presentes* numa prova de que os jovens são compráveis e planta-se assim a semente da corrupção.

Ser educado pelo modelo que pune, significa ser posto a prova todo o tempo e como conseqüência o sistema de avaliação passa a ser um tormento para todos os que dele participam.

Quero destacar algo sobre as reprovações. Os sistemas de ensino das matérias respondem a expectativas processuais. Pelo menos se pretendem assim e são aplicados com essa intenção, porém quando os professores necessitam argumentar uma reprovação apoiam-se no argumento de que foi melhor assim, porque desta forma o aluno reprovado aprenderá repetindo no ano seguinte a estudar ou a consolidar a matéria que precisaria para acompanhar o grupo. A reprovação é uma posta de limite que ensina a estudar e a ter responsabilidades? Ou ao contrário, é vivida como injustiça e castigo? Àqueles que acreditam no seu proveito útil para ensinar responsabilidades deveriam ser tratados com o mesmo cuidado que se trata as populações de risco pois são perigosos para a educação dos jovens,

acredito que são perigosos para a humanidade pois transmitem uma ideologia que nos tem custado muitas guerras.

O modelo ideológico que sustenta o castigo cria uma geração de inseguros e medrosos. Gente com medo da vida e da morte. Cheios de exigências e humilhações, depreciados e com baixa auto-estima. Seqüestrados pela escola como forma compulsória de educação acabam perdendo seus direitos de brincar e de sonhar. Matérias inúteis fazendo sombra nos seus interesses mais verdadeiros, como aqueles que dizem respeito a seu lugar no mundo (macro) e com suas preocupações com a história de suas origens (família) e o corpo (micro).

Há um personagem que é a droga da família ou a droga da escola. Estigmatizado, o castigado aprende a erotizar o sofrimento.

Com sua passividade ou agressividade passa a provocar o castigo. Chegando a extremos, vemos que alguns deles buscam uma *satisfação no desprazer*. A aparente solução que muitos castigadores pensam ter quando a criança penalizada se põe quieta, pode estar essa obediência encobrendo uma mórbida satisfação que atinge quando é castigada, tudo isso a serviço da morte, da depressão e do incremento do sofrimento de desvalia.

Nossa cultura está muito mais acostumada a detectar os erros do que destacar os acertos.

Quais são os indicadores que se utilizam para dizer que um jovem é bom e outro é mau? Aquele jovem a quem popularmente se considera mau terá a sua história povoada de sentimentos de humilhação, desvalorização, culpabilização, abandonos, ridículos, autoritarismos e desestímulo à criatividade que tanto depende da originalidade e do estímulo do meio circundante para sua existência.

Por tratar-se de um fenômeno generalizado, não se pode incluir a leitura em bons e maus. As famílias são mais ou menos iguais, os seres humanos também. Cada um é aquilo que pode ser, raramente o que gostaria ser.

Quando diante dos desesperos que levam às violências domésticas precisa-se abrir uma brecha para descobrir todos os dias que o mundo não é tão lindo como se espera, mas tampouco tão catastrófico como se imagina. Se as violências fazem parte da natureza dos humanos, também eles são capazes de perdão, de revisão e de amor.

A argumentação de que seriam os castigos uma violência doméstica útil para a formação do futuro cidadão é o mínimo hipócrita. Mesmo no meio de eruditos esta forma de tortura segue seu caminho sem contestação. As crianças ainda são motivo de discriminação por parte dos adultos. Não me refiro apenas aos castigos corporais, mas as ameaças ou privações,

como o impedimento de brincar. Ambas atitudes como forma de conscientização, não servem para nada do que se pretende, apenas se consegue fazer com que a criança não aprenda seus deveres e ainda passe a renunciar seus prazeres. Toda a transmissão de conhecimento feita sob pressão diminui a capacidade de compreensão, de produção e de criação daquele que recebe a ordem.

Os aspectos mais imediatos no ato corretivo impedem uma reflexão que leve a algo mais amplo. Um filho desobediente encerra em seu ato algo que poderá ir desde um simples “não ouvi” até a complexa representação que significa discordar daqueles a quem se ama, com todo o temor de perder seu amor por começar a ser diferente deles.

A hipervalorização do “de fora” em detrimento ao “de dentro” tem sucesso no Ocidente. Assim se formam gerações alienadas, obedientes e submissas a serviço da não contestação. Duvido entretanto que os *estejamos fazendo mais felizes*.

A alfabetização que supervaloriza os livros em detrimento das histórias pessoais que nos organiza, mata o conceito de si mesmo que nos habita, dessa forma vemos filhos adolescentes com vergonha dos pais que os geraram. A história dos livros não enaltece os simples nem tampouco valoriza o trabalhador comum, o pai comum, a mãe que administra uma casa com a habilidade que poucos profissionais o fazem. Deixam de enaltecer e estimular ao jovem que conheça a forma como seus pais foram crianças e com que brinquedos brincaram. Suas histórias de amor e de decepção, saber algo mais de seus lutos e suas conquistas. Dessa forma os jovens vivem olhando ao redor sem olhar para si mesmos, nem tampouco conhecem o mundo daqueles com quem convivem. O mundo de fora passa a ser usado como referencial em detrimento da auto-percepção (conhecimentos de si mesmo). Esse tirar de dentro, curiosamente dá o sentido etimológico da palavra educar. Sendo assim, semelhante proposta prepara poucos para serem educadores. Estimula-se assim o comparativo (massa) e desvaloriza-se o individual (singular).

É inevitável de que os jovens se equivocam. Os erros fazem parte da vida de todos. Uma estratégia útil para seus aprendizados, seria a de ajudar-lhes a aproveitar seus pequenos equívocos corriqueiros para ajudá-los a dimensionar as suas responsabilidades e fazer disso um ensaio para enfrentarem os grandes equívocos que ainda acontecerão em suas vidas, ou até mesmo para ajudar-lhes a evitá-los com uma prevenção adequada.

Penso que *em cada jovem há um potencial enorme a ser aproveitado; não uma besta a ser contida*. Superar o difícil que é ser criança, como

tal, frágil, dependente e a mercê dos mitos dos adultos. Uma criança ou um jovem precisam despende muita energia numa elaboração difícil de ser conseguida para poderem superar a essa soma de complicadores. Superar tudo isso significa vencer a fragilidade, tornar-se forte ou pelo menos crente em si mesmos para renascer original, incorporando leis, exigências e expectativas. Ao mesmo tempo as crianças e os jovens buscam encontrar seus caminhos, temendo decepcionar os que dele esperam alguma prova de competência. É inegável que cada vez mais a humanidade está inserida num mundo de competição e a performance é como uma sombra a tirar o brilho da criatividade e do prazer no fazer.

O isolamento massifica, o conformismo aquieta, o castigo culpabiliza e erotiza a dor. Por tudo isso não acredito que a violência corporal ou moral contribua com a organização de um indivíduo feliz que possa em seu proveito usar a plenitude da sua riqueza potencial. Todas as formas violentas de educação introduzem obstáculos ao aproveitamento de todas energias que os jovens precisam dispor para ingressarem no difícil mundo dos adultos.

É com aqueles que convivemos que representamos o que de mais íntimo temos. Eles conhecem nossos defeitos e fraquezas. Guarda-se quase sempre o que se tem de melhor para uso externo.

Quando os jovens cobram ou exigem dos adultos nas funções de educadores, expressam com suas intolerâncias exibidas numa forma pouco hábil as exigências que eles tem consigo mesmos. Extravasam assim o excesso. Conter-lhes a violência também faz parte da educação, mas a importantíssima função de colocar limites, se incorporada ao cotidiano das famílias e das escolas certamente não precisará do uso da violência, que em seus extremos, sempre aparece a denunciar o adiamento das soluções. Pois o castigo é o ato final de uma desobediência a um teste às intolerâncias. Quase todos os pais batem quando pensam que já não lhes resta outra coisa a fazer. O que não contam é que as suas raivas estão embutidas no ato, e tampouco manifestam que suas frustrações pessoais adquiridas em determinadas circunstâncias de suas vidas acabam encontrando no ato do jovem desobediente a gota d'água para a externalização do ódio.

Infelizmente os jovens pouco sabem de estratégias e muitas vezes se colocam na linha de fogo. Ou até mesmo, sabendo que os adultos que os cercam passam por situações difíceis, ao vê-los armados, aproveitam a ocasião para satisfazer necessidades masocosádicas dos grupos familiares e escolares. O castigo assim ficaria a serviço da perversão do gozo.

Creio que hoje dedica-se muito tempo aos jovens, mas ainda é pouco o tempo dedicado para pensar ações de saúde, e se efetivamente elas

são transmitidas nos modelos que adotamos, e em nossas formas de educar os objetivos que revelam o melhor para todos os que participam do processo educacional.

A transformação da educação visando convertê-la numa educação sem violências dependerá da articulação entre o macro (modelos educativos oficiais) e o micro (história familiar e escolar). Começa pela realidade da casa a termina pela revisão política e científica das formas e dos conteúdos transmitidos nesses lugares onde as crianças e os jovens aprendem e formam seus modelos para aprenderem a ser adultos.

Conferência inaugural do I Ciclo de Debates na Fundação da Associação Sergipana de Adolescência. Aracajú, Sergipe, 6 de outubro de 1995.

Instituições que prestam
assistência aos
adolescentes em
Ribeirão Preto

11

Maria Aparecida Tedeschi Cano*

Maria Graças C. Ferriani**

Semiramis M. M. Rocha***

Elza Lourenço Ubeda****

RESUMO

A adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano e referida por inúmeros pesquisadores como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, quando ocorrem transformações tanto em nível físico e emocional, como social. Para que nessa fase o adolescente tenha um crescimento harmonioso, não apenas o setor saúde deve estar envolvido na prevenção, promoção e proteção de sua saúde, mas também outros setores sociais governamentais ou não, devem estar mobilizados participando dessas ações. Nosso interesse nesse trabalho foi levantar e classi-

* Prof. Doutor do Departamento Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

** Prof. Associado do Departamento Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

*** Prof. Titular do Departamento Materno Infantil e Saúde Pública da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto.

**** Prof. do Departamento da Universidade Federal de São Carlos.

Recebido em 13.05.96

Aprovado em 02.06.96

ficar as instituições de Ribeirão Preto-SP que de alguma forma atuam na promoção à saúde do adolescente e identificar se havia ou não vínculos entre elas, para tanto visitamos essas Instituições e entrevistamos seus dirigentes utilizando como instrumento de coleta de dados uma ficha que continha questões semi-estruturadas.

SUMMARY

Title: Lifting and Classification of Institutions that offer attending to Adolescent's Health

Authors: Cano, M. A. T.; Ferriani, M. G. C.; Rocha, S. M. M.; Ubeda, E. L.

Reporter: Cano, M. A. T.

Adolescence is an evolutional stage peculiar of human beings and said by many researchers as a phase of transition between infancy and adlt age, when occur transformations even in physical level and emotional, as social. So that in this phase the adolescent have an harmonious growth, not only the health field have to be enveloped in the prevention, promotion and protection of its health, but also other social fields from the government or not have to be mobilized participating in these actions. Our interest in this work was to lift and classify the institutions of Ribeirão Preto-SP that any way act in the promotion of adolescent's health and identify if htere was or not links between them, for that we visited these institutions and we interviewed their directors utilizing as instrument of data's assessment a file card that contained questions not fully organized.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma etapa evolutiva peculiar ao ser humano; é referida por inúmeros pesquisadores (TAQUETE, 1991; ABERASTURY, 1986) como uma fase de transição entre a infância e a idade adulta, compreendida entre 10 e 19 anos, na qual ocorrem inúmeras modificações tanto físicas como emocionais, quando os adolescentes estabelecem novas relações consigo mesmo e com sua imagem corporal, como em nível familiar e social. Dessas transformações resulta o desempenho do jovem e posteriormente o do adulto.

É oportuno lembrar que os adolescentes na faixa etária dos 10 aos 19 anos representam 23,4% da população brasileira e sua saúde deve ser considerada não apenas em termos presentes, mas também futuros, com implicações de ordem política, econômica e social. Em Ribeirão Preto-SP, os adolescentes de 10 a 19 anos representavam 18,7% da população (IBGE, 1991).

Para o Programa de Saúde do Adolescente (PROSAD, 1989), a busca de identificação, a curiosidade, o idealismo e a contestação despertam no adolescente um sentimento de desafio que associado à falta de experiência e vivência anterior levam freqüentemente a uma conduta de risco. A mudança de estilo de vida o torna suscetível à violência, aos acidentes, uso de drogas, fumo e suicídio.

Segundo as estatísticas brasileiras de mortalidade entre os adolescentes, as “causas externas” são a principal causa de morte para esse grupo etário (YUNES, 1990; PROSAD, 1989; PRO-AIM, 1993).

Para LOLIO (1990), a análise das “causas externas” de mortalidade em 03 (três) estados brasileiros, apontam que grande parte dos óbitos deve-se a homicídio, suicídio, acidente de trânsito, atropelamentos, sendo que a mortalidade entre os jovens do sexo masculino é maior do que a do sexo feminino. A autora alerta ainda para a precária situação de vida da população metropolitana dos grandes centros urbanos do país. Em Ribeirão Preto, as causas externas também aparecem como a causa de morte entre os adolescentes no ano de (SICAEV, 1992).

YUNES (1990), aponta ainda entre as causas externas, a violência que vem aumentando como causa de óbito no Brasil. A mortalidade por violência já é maior do que por acidentes. O mesmo autor aponta ainda o aumento no consumo de álcool e fumo entre os adolescentes com menos de 19 anos. Considera que esse quadro está associado ao fator sócio-econômico, uma vez que nesta década, a população perdeu 10% de seu poder aquisitivo e houve uma queda no salário real.

MUZA (1991), em trabalho realizado com adolescente de classe média em Ribeirão Preto detectou que 88,9% deles usavam diariamente ou eventualmente algum tipo de bebida alcoólica e 69% desses adolescentes estavam com três anos ou mais de defasagem escolar. O autor encontrou ainda que 37,7% fumavam cigarros e 6,2% já haviam experimentado maconha.

Com relação a gravidez na adolescência, encontramos em TAQUETE (1991) que na cidade de Franca-SP, próxima a Ribeirão Preto, cerca de 25% das mulheres grávidas eram adolescentes com idade entre 12 e 18 anos. Dados semelhantes foram encontrados por LOPEZ et al. (1989) em

um município da grande São Paulo, onde 22,2% da população de gestantes estudadas eram adolescentes.

De acordo com projeções do IBGE, 20% das crianças nascidas vivas no Brasil, são filhas de mães adolescentes. Nos EEUU esse índice é de 16% e no Canadá, 9,5% (Folha de S. Paulo, 1991). Esses dados nos dão a magnitude dos problemas físicos, emocionais e sociais que afetam os adolescentes e a repercussão que os mesmos podem ter no futuro desses jovens.

“Os adolescentes brasileiros não estão apenas vivendo mudanças profundas em suas próprias vidas pessoais, mas também convivendo com essa sociedade em crise que está passando por uma intensa reformulação econômica, social e cultural” (PROSAD, 1989).

Diante desses indicadores de risco a que a população de 10 a 19 anos está exposta, não apenas o setor saúde deve estar envolvido na proteção, prevenção e promoção da saúde do adolescente, mas outros setores sociais governamentais ou não, devem se mobilizar e se articular para promover a saúde integral do adolescente.

“O bem-estar do adolescente não é atingido se não existem níveis críticos de qualidade de vida, em termos de direitos elementares para o ser humano, tais como educação, nutrição, moradia, trabalho, saúde física e mental, lazer e direito de participar” (OPS/OMS).

Em Ribeirão Preto, há várias instituições filantrópicas e governamentais que atendem o adolescente, entretanto desconhece-se de um grande número delas, a modalidade de assistência que desenvolvem no sentido de promoção, prevenção e proteção da saúde dessa faixa etária.

Interessados em conhecer as atividades que essas instituições vem desenvolvendo e entendendo que a saúde do adolescente não se restringe apenas ao aspecto “ausência de doença”, é que o Grupo de Estudos da Criança e do Adolescente da EERP-USP*, sentiu a necessidade de conhecer em nível de município, quais são essas instituições, como estão organizadas e que modalidade de assistência prestam.

Portanto, o nosso objetivo nesse trabalho foi levantar e classificar quais instituições que de alguma forma atuam na promoção à saúde do adolescente no município de Ribeirão Preto.

* Projeto Integrado: “A Enfermagem Profissional a os Programas de Assistência à Saúde da Criança e do Adolescente”, financiado pelo CNPq.

METODOLOGIA

Nosso trabalho desenvolveu-se na cidade de Ribeirão Preto, situada na região noroeste do Estado de São Paulo, que apresenta uma população de 453.934 habitantes (Núcleo de Informática da SMS, 1992), sendo 81.675 o número de jovens entre 10 e 19 anos.

Iniciamos nosso trabalho em 1993 pelo levantamento das instituições que ofereciam algum tipo de assistência aos adolescentes, partindo de uma listagem que nos foi fornecida pelo Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (PROASE), da Secretaria Municipal de Saúde/Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP. Desta lista, excluimos as instituições particulares destinadas apenas a uma camada social da população - a de maior poder aquisitivo - e trabalhamos com as instituições governamentais, filantrópicas e religiosas. Tentamos ainda um levantamento junto ao IBGE de Ribeirão Preto, mas não há registro desses dados.

De posse da listagem fornecida pelo PROASE visitamos as instituições e contatamos os coordenadores ou dirigentes. Explicamos nosso trabalho e utilizamos a técnica de entrevista semi-estrutura como instrumento de coleta de dados. A entrevista levantou dados sobre: identificação da instituição, entidade mantenedora, faixa etária assistida, descrição da modalidade assistência prestada.

As pessoas entrevistadas foram indicando outras instituições que ofereciam serviços de assistência ao adolescente. Foram visitadas 35 instituições de Ribeirão Preto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como já colocado anteriormente, a saúde do adolescente deve envolver os aspectos de promoção, prevenção e recuperação da Saúde em sentido amplo, articulando “educação, nutrição, moradia, trabalho, saúde física e mental, lazer e direito de participar”.

Retomando o nosso objetivo de classificar as instituições que promovem a saúde do adolescente no município de Ribeirão Preto, vamos enfocar inicialmente as questões da Educação e Saúde.

Educação

Com relação à educação, a Constituição Brasileira promulga a educação como direito de todo cidadão, obrigatória e gratuita dos 7 aos 14

anos; mas pesquisas recentes apontam que o Brasil enfrenta há algumas décadas o grave problema do fracasso escolar, representado pela evasão e pela repetência.

Segundo FAUSTO (1991), 12,1 milhões de crianças e jovens entre 5 e 17 anos abandonaram os estudos ou nunca freqüentaram uma escola. Dos 29,4 milhões que estudavam, 57% ou seja, 16,8 milhões estavam em séries atrasadas. Em Ribeirão Preto, segundo a Divisão Regional de Ensino, em 1991 o índice de repetência da 1ª à 8ª série foi de 42,47% e o de evasão escolar 33,74%, o que mostra que nossa cidade não está em termos de educação formal, muito diferenciada dos dados estatísticos brasileiros, apresentando um número elevado de crianças e jovens excluídos do ensino de 1º grau. Para FOCESI (1990), por meio da educação o jovem tem a formação necessária para sua auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício da cidadania. Entendemos que quanto menor o tempo da educação escolar, menores são as chances de ascensão social dessas crianças e adolescentes.

O município de Ribeirão Preto em 1993, segundo as Delegacias de Ensino, contava com 54 escolas de 1º grau, 22 de 1º e 2º graus, num total de 76, que ofereciam o ensino básico obrigatório e apenas 4 ofereciam ensino de 2º grau profissionalizante, num total de 80 Unidades Escolares pertencentes à rede oficial de ensino municipal e estadual.

No que se refere ao ensino profissionalizante, em nível de 2º grau, duas escolas ofereciam os cursos de magistério, um processamento de dados e outra oferecia cursos de mecânica, secretariado, eletrotécnica, nutrição e dietética, eletromecânica e desenho arquitetônico.

A rede de ensino não foi municipalizada e freqüentemente não se articula a outras instituições da comunidade, o que a nosso ver pode ser um obstáculo à atenção integral à saúde do adolescente, tanto em nível físico como mental. As articulações com a Secretaria Municipal de Saúde e Bem-Estar Social ainda são “frágeis”.

A Municipalização do setor saúde vem ocorrendo de forma gradual e desigual em todos os municípios brasileiros. Entende-se por municipalização o processo pelo qual ocorre a transferência de serviços até então de responsabilidade do governo federal e estadual para as mãos do governo municipal. Essa transferência também envolve o repasse de recursos financeiros e de recursos técnicos e humanos necessários para que o município desenvolva as ações de atendimento básico de saúde à população. O atendimento terciário é de responsabilidade do Estado assim como os convênios com hospitais da rede privada.

Saúde

Procuramos levantar na área da saúde como está o atendimento ao adolescente e verificamos que a nível de promoção à saúde, o Programa de Assistência Primária de Saúde Escolar (PROASE) desenvolve junto às escolas da rede oficial de ensino, os “grupos de adolescentes” e “grupos de pais”, num total de 28 grupos formados por enfermeiros e psicólogos. Nesses grupos são abordados temas referentes à adolescência normal e partir do interesse dos participantes.

A cidade como ainda com o “Ambulatório de Atendimento Integral à Saúde do Adolescente”, para jovens de 10 a 18 anos que necessitam de acompanhamento nas áreas de ginecologia e obstetrícia, psicologia, crescimento e desenvolvimento e serviço social.

Para o atendimento psicológico a nível de ambulatório o Centro Saúde Escola (CSE) oferece um serviço de apoio psicológico à adolescentes que residem em sua área de abrangência. A assistência é individual ou grupal dependendo da situação.

Nas Unidades Básicas e Distritais de Saúde o atendimento é dirigido à população em geral e até o momento não há serviço sistematizado para adolescentes, embora muitas Unidades já ofereçam assistência às adolescentes grávidas ou com problemas ginecológicos, como uma das atividades do programa de Saúde da Mulher.

Em nível de rede hospitalar, não existem leitos ou enfermeiras destinadas e adolescentes e nem profissionais com embasamento teórico e prático para prestar-lhes assistência durante a internação. Estes recebem o mesmo atendimento do adulto ou da criança.

Na área de Saúde Mental, o ambulatório do Estado, atende adolescente de 15 a 18 anos, no mesmo esquema de atendimento do adulto, na linha de psiquiatria clássica e dependendo da necessidade os adolescentes são encaminhados para o Sanatório Vicente de Paula ou Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto. No sanatório o atendimento ambulatorial é para adolescentes e adultos em nível de psicoterapia, realizada por psicólogos e estagiários da Faculdade de Filosofia da USP. É feita a triagem dos casos e há uma demanda reprimida. Os pacientes provém do Ambulatório de Saúde Mental como de qualquer outra instituição. No caso de internação o tratamento é medicamentoso até melhora da crise e o seguimento é feito por psiquiatras.

Em relação ao Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP, o serviço de psiquiatria recebe pacientes a partir dos 16 anos, mas quando há necessidade, adolescentes com menos idade tam-

bém são atendidos. O tratamento durante a internação é medicamentoso mas associado a outras terapias como exercícios físicos ministrados pelos profissionais do CEFER (Centro de Educação Física e Esporte-USP); passeios externos ao shopping da cidade, Museu Municipal, Museu do Café; terapia ocupacional, grupos operativos com pacientes e funcionários e acompanhamento e orientação das famílias. Após a alta se necessário os pacientes são encaminhados ao Hospital-dia.

De uma maneira geral as redes oficiais de educação e de saúde do município estão organizadas com o descrito acima para o atendimento do adolescente. Com relação ao ensino básico e formal, a cidade conta com número suficiente de escolas para atender a demanda de jovens, mas consideramos que as escolas em nível de ensino profissionalizante ainda estão em número reduzido, uma vez que apresentam demanda reprimida para os cursos que oferecem. Por outro lado, muitos jovens abandonam o ensino para ingressar no mercado de trabalho e reforçar o orçamento doméstico ou mesmo desmotivados pelas características do ensino (CANO, 1993).

No que se refere ao setor saúde a assistência do adolescente vem se dando de forma mais organizada na rede básica de saúde e a área de saúde da mulher é a que está mais adiantada nesse processo, seguida pelo Ambulatório de Atendimento Integral à Saúde do Adolescente.

Quanto as demais instituições da Comunidade, foco desse estudo, verificamos que muitas delas desenvolvem modalidades de assistência semelhantes em vários aspectos. Assim, julgamos importante agrupá-las segundo a descrição da assistência oferecida.

a) Esporte, lazer e arte:

Embora não se tenha dados sobre o número de adolescentes que frequentam museus, bibliotecas, teatros, centros culturais e desportivos entre outros, crê-se ser de uma elite minoritária esse privilégio que deveria ser de todos (PROSAD).

Das cinco instituições visitadas, duas são municipais, uma estadual e duas não governamentais, sendo uma mantida pelo comércio e outra pela indústria. A idade de ingresso é a partir dos 6 anos.

Os cursos oferecidos à comunidade são gratuitos, embora os alunos tenham que comprar o material de uso ou pagar uma taxa “simbólica” para o desenvolvimento do mesmo. Dois cursos fazem pré-seleção dos candidatos para modalidades específicas de esporte, como natação e basquete.

b) Adestramento para o mercado de trabalho:

Foram encontradas quatro (04) instituições que se enquadram dentro desta categoria. Duas (02) são governamentais municipais, e duas (02) são mantidas por empresas do município.

Destas, três (03) oferecem treinamentos dirigidos à formação profissional (postura dentro da empresa, com destaque para higiene pessoal, responsabilidade e boas maneiras). Uma oferece ainda, educação para o trânsito.

Essas instituições “empregam” os adolescentes como aprendiz, segundo as diretrizes do estatuto da criança e do adolescente; em duas delas, estes recebem salário mínimo por quatro horas de atividade, e em outra 80% do salário mínimo por 7,5 horas de atividade. Em todas há um acompanhamento do adolescente e uma exigência de que o mesmo esteja cursando, no mínimo a 5ª série do primeiro grau.

Uma das instituições, difere das demais atuando como agência de repasse de informações sobre empresas cadastradas para os adolescentes que procuram uma atividade profissional, fornecem ainda a carteira profissional.

c) Cursos profissionalizantes:

Três instituições oferecem cursos profissionalizantes, sendo dois voltados para atividades na indústria e um para atividades de prestação de serviços e no comércio. Em todas há exigência que os adolescentes estejam cursando o 1º grau. A duração dos cursos oferecidos na área industrial é de 2,5 a 3 anos e na área de prestação de serviços e comércio têm duração de 1 ano. Apenas um dos cursos cobra taxa de inscrição. É previsto ainda, processo de seleção para os cursos que apresentam grande procura de candidatos.

Inclui-se ainda nesta categoria, os cursos oferecidos pela rede oficial de ensino no município, em nível de 2º grau, já mencionada anteriormente, e outra, que funciona como internato para crianças providas de família de baixa renda; essas crianças, ao completarem 13 anos, iniciam curso profissionalizante dentro da própria instituição, voltado para atividades na indústria. É preocupação fundamental desta instituição que o interno ao sair da mesma tenha um título profissional.

Ressalta-se, a importância do trabalho opcional para o adolescente, aliado ao estudo e ao lazer, enfatizando o aspecto positivo para o desenvolvimento de sua personalidade (PROSAD).

d) Atividades para crianças e adolescentes provindos de família de baixa renda:*1) Não governamentais*

Seis instituições têm como preocupação principal assistir crianças “carentes” a partir dos 6-7 anos e apenas uma assiste a criança desde o nascimento. Destas, três instituições assistem crianças de ambos os sexos, duas recebem só meninos e uma apenas meninas.

Em três (03) instituições, o regime é de internato, sendo que duas liberam a criança para passar o final de semana com a família ou com os responsáveis pela mesma.

Apenas duas (02) dessas instituições mantém o curso de 1º grau para os internos; nas demais as crianças freqüentam escolas de 1º grau na própria comunidade.

A maioria dessas instituições oferecem às crianças e adolescentes alimentação, reforço escolar e atividades de recreação. Têm também como um dos objetivos “despertar” o interesse dos adolescentes para uma atividade profissional. Uma das instituições se autodenomina como “o próprio lar” da criança e não oferece atividades de iniciação profissional às mesmas.

Todas exigem que a criança tenha um responsável, que não precisa ser necessariamente os pais.

Quando as atividades profissionalizantes desenvolvidas na instituição geram lucros a partir da venda de produtos (estamparias de camisetas, floricultura, artesanato, reciclagem de vidros), a arrecadação é dividida entre os adolescentes e a instituição, que a reverte para a manutenção dos cursos.

2) Governamentais

Cabe ressaltar que a Secretaria Municipal do Bem-Estar Social, desenvolve em vários bairros da cidade os “núcleos” de atendimento a crianças e adolescentes. Os profissionais que atuam nos núcleos desenvolvem atividades de lazer, socialização, artesanato, dança, horticultura e algumas vendem seus produtos e repartem os lucros com os adolescentes. Em muitos dos núcleos são organizados grupos de adolescentes, com orientações sobre sexualidade, AIDS, drogas.

e) Proteção e guarda de crianças e adolescentes:

A cidade de Ribeirão Preto conta com a Promotoria da Infância e Juventude do Ministério Público e a Justiça da Infância e Juventude do Poder Judiciário, ambos serviços públicos que fazem cumprir as determinações estabelecidas no Estatuto da Criança e do Adolescente. Tanto

um serviço como outro constam além do Promotor e do Juiz, com equipes técnicas formada por assistentes sociais e psicólogas. Dependendo dos casos atendidos são realizados encaminhamentos para recursos da comunidade.

O Conselho Tutelar é um órgão autônomo encarregado de atender na esfera municipal os direitos definidos no Estatuto da Criança e do Adolescente aplicada as medidas de proteção, aconselhamento de pais, fiscalização de entidades de atendimento e recebe denúncias entre outros. O trabalho é conjunto com o Ministério Público e Poder Judiciário.

O Centro de Referência do Menor e do Adolescente é um órgão da Secretaria Municipal do Bem-Estar Social que centraliza o atendimento de toda a população infantil de Ribeirão Preto em situação de risco pessoal e social. O trabalho desenvolvido é feito em conjunto com a Promotoria da Infância e Juventude e Secretaria Municipal da Saúde. O período de abrigo na Instituição varia de 45 a 60 dias ou até que a situação da criança seja regularizada.

A Divisão de Apoio ao Menor na Comunidade (DAMC) é uma Divisão da FEBEM, que atende menores infratores em liberdade assistida com idade entre 12-18 anos encaminhados pelo Juiz da Infância e Juventude. As atividades desenvolvidas são sócio-educativas e envolvem a família, a escola, dando oportunidade ao adolescente de “recuperação”.

A Casa Abrigo, ligada à Secretaria Municipal do Bem-Estar Social, recebe durante à noite crianças que vivem na rua e oferece-lhes, alimentação, banho e pouso. As atividades começam, a partir das 18:00 horas. A demanda é espontânea. A casa funciona com equipe multidisciplinar formada por assistente social, psiquiatra, psicólogo e monitores.

f) Assistência ao adolescente dependente de drogas:

Encontramos apenas uma (01) instituição religiosa na cidade que se propõe a recuperar adolescentes usuários de droga. Além dos dirigentes, atuam junto aos jovens, voluntários que são ex-usuários de drogas. A proposta de tratamento consiste no trabalho, oração, fé e melhoria da auto-estima.

CONCLUSÃO

Pensamos ter apresentado um número significativo (35), de Instituições que atendem adolescentes em Ribeirão Preto, excluídas as particulares, e quando comparamos esse número de Instituições com o número

estimado de adolescentes de 10 a 19 anos, que no ano de 1992 estava ao redor de 82.000 jovens, verificamos que mais instituições são necessárias, principalmente em algumas áreas como esporte, lazer e artes, que por suas próprias características cobram taxas, ou solicitam material ou ainda roupas apropriadas que embora sejam de baixo custo, acabam não sendo acessível a muitos adolescentes, principalmente os desfavorecidos economicamente. Pensamos que, o esporte, o lazer e as artes são um complemento importante na formação dos jovens, permitem a criatividade, aumentam a auto-estima, desenvolvem o senso de grupo, de união, preparam o adolescente para a cidadania. Verificamos situação semelhante com cursos profissionalizantes, praticamente todos eles, mesmo os da rede oficial de ensino, apresentam uma demanda reprimida, sendo necessária a seleção prévia dos candidatos.

A área de saúde a nível primário e secundário de assistência ainda está se organizando e a área de saúde da mulher é a que está mais adiantada nesse processo nas Unidades Básicas e Distritais de Saúde do Município. O atendimento à nível Saúde Mental para adolescentes ainda se dá basicamente pela internação. No que se refere à promoção à saúde, o município conta com o Programa de Atenção Primária de Saúde Escolar (PROASE), que desenvolve nas escolas os grupos de adolescentes.

Com relação ao ensino básico e formal, a cidade de Ribeirão Preto conta com número suficiente de escolas da rede oficial de ensino para atender à demanda de jovens, mas infelizmente muitos acabam abandonando o ensino para ingressar no mercado de trabalho ou mesmo desmotivados pelas características do ensino.

Nas instituições não governamentais, observamos o interesse dos dirigentes e demais funcionários em oferecer uma assistência de boa qualidade, dentro das propostas estabelecidas pela Instituição, embora muitas delas esbarrem nas questões financeiras.

Com relação à guarda e proteção o trabalho vem há alguns anos se estruturando propiciado pelo Estatuto da Criança e Adolescente.

O que verificamos é que as Instituições de uma maneira geral não se articulam, mesmo as de nível governamental. Desta forma temos um longo caminho ainda a percorrer para alcançarmos a atenção integral à Saúde do Adolescente em Ribeirão Preto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ABERASTURY, A.; KNOBEL, M. *Adolescência normal: um enfoque psicanalítico*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1986.

2. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Nacional de Programas Especiais de Saúde. *Programa de saúde do adolescente -bases programáticas*. Brasília, nov. 1989, 24 p.
3. BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. *Normas de atenção à saúde integral do adolescente*. V. 1, Brasília, 1993.
4. CANO, M. A. T. et al. Repetência e evasão escolar entre adolescentes em Ribeirão Preto-SP. Tema livre apresentado no X Congresso Brasileiro de Saúde Escolar. São Paulo, nov. 1995.
5. FAUSTO, A.; CERVINI, R. *O trabalho e a rua: crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80*. São Paulo, Cortez, 1991.
6. FOCESI, E. Educação em Saúde e Cidadania. Conferência. 9º Congresso Brasileiro de Saúde Escolar. Rio de Janeiro, out. 1992 (mimeografado).
7. FOLHA DE S. PAULO. Caderno "Cotidiano". P. 4-1, 8 de março 1991.
8. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. População Ribeiro Preto por faixa etária. Ribeirão Preto, 1991.
9. LOLIO, C. A. et al. Mortalidade de Adolescentes no Brasil, 1977, 1980 e 1985. Magnitudes e Tendências. *Rev. Saúde Públ.* São Paulo, v. 24, n. 6, pp. 481-489, 1990.
10. LOPEZ, F. V. et al. Gravidez na adolescência: estudo comparativo. *Rev. Saúde Públ.* São Paulo, v. 23, n. 6, pp. 473-7, 1989.
11. MUZA, G. M. *Estudo das variáveis psicossociais associados por adolescentes escolares da cidade de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, 1991. Dissertação (mestrado), Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
12. ORGANIZACION PANAMERICANA DE LA SALUD. Programa de Saúde Materno-Infantil. O marco conceptual da saúde integral do adolescente e de seu cuidado. Tradução pela OPS/OMS no Brasil, 19 p. (mimeografado).
13. RIBEIRÃO PRETO. Núcleo de Informática (SICA EV). *Sistema de Coleta e Análise de Estatísticas Vitais de Ribeirão Preto - 1992*. Ribeirão Preto-SP, 10/02/94.
14. SÃO PAULO. (PRO-AIM) *Programa de Aprimoramento das Informações de Mortalidade no Município de São Paulo*. nº 11, jan./mar. 1993.
15. TAQUETE, S. R. *Sexo e gravidez na adolescência - estudo de antecedentes bio-psico-sociais*. Ribeirão Preto, 1991. Dissertação (mestrado), Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo.
16. YUNES, J. Diagnóstico da Situação Social e de Saúde da Criança na América Latina. Conferência publicada nos ANAIS do "1º Seminário Sul Americano de Pesquisa em Enfermagem nas áreas de Saúde da Mulher e da Criança". Ribeirão Preto-SP, julho 1990, pp. 4-7.